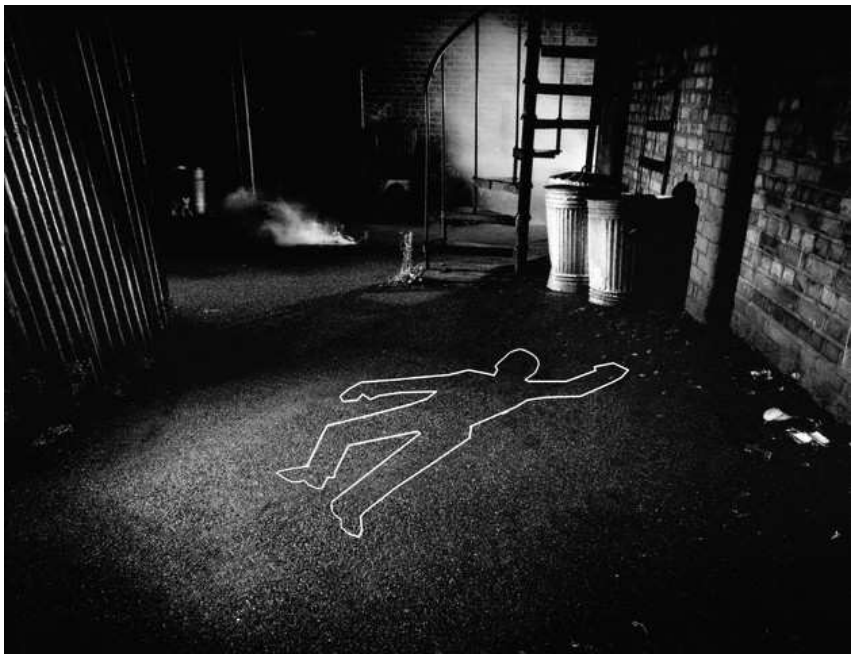
Stardeath

Produções textuais do curso de Cinema da UFSC
Marcio Markendorf (organizador)
Bruna Ramos Pavesi
Número 1



Body outline, scene of the crime, George Logan

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, dezembro de 2010.

SUMÁRIO

A MORTE DE UMA ESTRELA..... 3
MARCIO MARKENDORF
CINEMA COM ALMA 4
MARCELO RIBEIRO FILHO
ANOITECE-SE 6
JOÃO MAMEDES FIGUEIREDO MELO
MICHAEL DOUGLAS 14
MICHELE COSTA
A MORTE DE QUENTIN TARANTINO..... 17
THIAGO AUGUSTO WOLLMANN
NICOLAS CAGE 22
ARUÃ SANÇÃO FAZENDEIRO
AGORA ESTÁ PERFEITO, STANLEY? (SHELLEY DUVAL)..... 25
CAROLINE MARIGA
MARILYN MONROE..... 34
DANIELA GEISLER
O TRISTE FIM DE GRAÇA..... 36
ANDRESSA BRAUN
GOODBYE TO THE KING..... 40
TAMARA CLEVELAND FORTES DE MELLO

A morte de uma estrela

Nos noticiários diários somos defrontados frequentemente com a violência e a destruição. Algumas delas podem acontecer em catástrofes naturais, colisões de carro, assassinatos. E o número de cadáveres parece crescer progressivamente de um evento para outro. No entanto, a morte de personalidades anônimas, alheias ao nosso mundo, ainda que numericamente significativas, constitui apenas uma estatística em nosso imaginário. Não provoca impacto como se fosse com um conhecido, alguém muito próximo.

Nos tempos atuais, de ampla cobertura midiática, é muito fácil criar uma impressão de proximidade, de modo que as celebridades nos parecem íntimas. Conhecemos – em razão de programas populares, tabloides, páginas da web, mídias sociais – muito de seus mundos privados, incluindo suas dores, amores e temores: Marilyn Monroe e o suicídio; Bridget Bardot e a depressão; Amy Winehouse e as drogas; Woody Allen e o suposto incesto; Roman Polanski e a pedofilia. Em 1997, o funeral de Lady Di, como exemplo de comoção pública, foi televisionado para quase 2,5 bilhões de espectadores atônitos. A morte de Michael Jackson, em 2009, deixou uma legião de fãs órfãos, incluindo o suicídio de pelo menos doze admiradores, e um *revival* de seus maiores sucessos no topo das paradas mundiais. E se Elvis não morreu, assim como outros ídolos ainda permanecem vivos no imaginário, é porque a aura permanece intacta ainda que o corpo decrete falência.

Fica a pergunta: como foi ou poderá ser a intimidade da morte das estrelas? É a partir deste "e se..." que o projeto *Stardeath*, proposto na disciplina de Expressão Escrita II, joga com a fabulação da morte de celebridades, a fim de explorar a finitude mitológica de uma estrela de modo narrativo. As personalidades escolhidas contaram com ampla pesquisa biográfica e tiveram seus momentos finais transformados em contos pelos acadêmicos do curso. Nesta coletânea somos apresentados ao último suspiro de Al Pacino, Zé do Caixão, Michael Douglas, Quentin Tarantino, Nicolas Cage, Shelley Duval, Marylin Monroe, Xuxa e Stephen King. Aproveitem a catástrofe.

Marcio Markendorf,
organizador

Cinema com alma

Marcelo Ribeiro Filho

Enquanto descia lentamente os degraus do estúdio, pensou: “que bom que falta pouco para o verão, essa viagem com Olivia vai me fazer bem”. Ele estava um pouco desmotivado com a carreira. Na verdade, estava exausto de tudo aquilo. Havia algum tempo que não participava de nada que causasse um sucesso estrondoso, contudo esse filme lhe inspirava certo otimismo porque iria trabalhar com seu velho amigo Robert De Niro. Além do mais, era um roteiro bem intimista. Iria buscar uma atuação magistral, algo que viesse lá da alma, coisa que ele e poucos faziam. Não é falta de modéstia - é fato, e contra os fatos é difícil argumentar. O problema era esse cansaço que não passava nunca. Um banho quente seria ótimo, pensou. Pediu para o motorista ir mais rápido. Ele consentiu com a cabeça. Como de costume, a noite era calma e linda na Califórnia. Preparou um drink, bebeu de uma só vez. Sempre que precisava relaxar, recebia auxílio da bebida - um hábito criado ao longo da vida. O celular tocou. Tocou de novo, e de novo, e de novo, mais uma vez, e então atendeu:

— A reunião está marcada para amanhã às 10h, ok? – fala seu agente.
— Sim, manda o carro às 9h30, por favor – responde.
—Tudo bem, até logo.
—Tchau.

Após o telefonema, ele ficou muito irritado. Como podiam marcar para tão cedo?! Como a arte iria ser plena com tantas regras e horários?! Tá, eu que aceitei fazer o filme, vou seguir as regras deles. Falou sozinho mais um pouco e logo foi dormir.

A empregada acordou-o anunciando que o motorista havia chegado. Constatou mentalmente que estava muito cansado. Que insônia! Demorou muito para sair da cama. Evidentemente chegou atrasado, mas, devido a sua importância, a produção esperou pacientemente como se nada tivesse acontecido.

No decorrer da reunião, o diretor só falou. De onde ele tira tanta coisa para falar, pensou, mas não mudou o semblante enquanto esteve ali. O mais desavisado poderia até dizer que estava tudo sob controle. Então perdeu a atenção no palestrante/diretor e lembrou-se do passado, de quando fez “Scarface”. Aquilo sim era feito com a alma. Nós chegávamos no set e fazíamos o que tinha de ser feito, nem pensávamos em público. Além do mais, se um trabalho é bom, ele tem público, diferente dessas coisas que são colocadas em fórmulas com o único intuito de vender. Ele pensava no filme “As duas faces da lei”, tema dessa reunião, que começaria a ser rodado no dia seguinte. Por fim, acabou. Saiu sem falar com ninguém, entrou no carro e foi para casa.

Mais tarde, longe do todos os problemas, colocou a chave na ignição, girou e sentiu o ronco do seu novo Lótus. Como voava aquele carro! Resolveu dar uma volta, algo muito incomum para sua rotina. Passou por muitos lugares conhecidos que lhe despertaram certa nostalgia. Estava com saudades da filha. Já é madrugada, ela deve estar dormindo. Foi para casa, estava exausto. Deitou no sofá e pegou no sono ali mesmo. Repentinamente, acordou assustado. Havia tido um pesadelo. Ele corria e corria no escuro atrás da filha, que lhe pedia socorro, mas não conseguia alcançar a menina que, por fim, desaparecia totalmente na escuridão.

Logo pela manha, ainda abalado pelo pesadelo, pensou: “não tem como esperar, vou sair com a minha filha hoje”. Ligou para Olivia:

—Filha, vamos para a praia hoje?
—Mas e a aula? — questionou a garota.
—Nada de aula, tô passando aí.
—Tudo bem então, estou esperando, beijo.

Antes de ir ao encontro da garota, desligou o seu celular. Bebeu o último gole de conhaque e partiu de sua casa sem nenhuma preocupação. Como o Sol brilhava! Essa cidade é encantadora às vezes. Parou em um sinal de trânsito, estava ouvindo “Flyin' High” do Marvin Gaye. O sinal abriu. Resolveu ir até o posto que acabara de avistar para compra algo para beber. Estacionou o carro, mas não saiu. Cantou baixo:

—In the morning, l'll be alright, my friend
but soon the night will bring the pains
the pain, oh the pain
flying high in the friendly sky
without ever leaving the ground.

Pensou nos filhos e Los Angeles escureceu.

Uma hora depois, um site de fofocas publicou tal manchete:
“Ator que interpretou Tony Montana é achado morto
Al Pacino(68 anos) foi encontrado morto em um posto de gasolina, dentro de seu carro. Um frentista falou que ele já estava inconsciente quando foi avistado pela primeira vez. Nosso site, em primeira mão, conseguiu fotos do ator sem vida.”

Nota: Esse texto é um ficção e não exprime nenhum desejo do autor de matar Al Pacino, muito pelo contrário.

Anoitece-se

João Mamedes Figueiredo Melo

Morte decupada em:

3 Cenas
1 Relatório
2 Mini-biografias
1 Entrevista
1 Fluxo de consciência
1 Blog
2 Comments
1 Sermão
2 Pílulas poéticas
1 Teleprompter
1 Resenha
1 Visão

Créditos Iniciais:
João Mamedes Figueiredo Melo

FADE IN:
EXT. CEMITÉRIO – NOITE
PASSOS. O vento sopra as folhas caídas no chão. A luz do luar azula os túmulos de mesma cor, CONCRETO.
CANTO de CORUJA.
MORCEGOS.
GRITO de MOÇA.

MOÇA:
Não toque em mim, não toque!
ZANATAS:
Você há de gerar meu descendente
fértil, capaz de disseminar a
espécie dos puros de sangue.

MOÇA:
Não, não!

ENTRA ZANATAS e a MOÇA. Ele a joga sobre o túmulo e rasga-lhe as roupas.

Cena censurada - DOPS (Departamento de Ordem e Política Social) - Agressão moral com apologia à violência, podendo causar sérios danos à ordem. A violência deve ser combatida e não propagada, toda nudez será castigada, toda violação sexual ou fetichista será censurada, toda manifestação satânica será combatida, toda perturbação funerária é considerado subversão da ordem dos mortos, que sabem mais que os vivos.

Antônio Romero de Sá
General 115 Batalhão – São Paulo, BR

Antônio tinha familiaridade com coisas do Cinema e derivados, por isso era sempre requisitado pelo DOPS em casos duvidosos de censura, pois além de dominador da arte e do áudio e vídeo, tinha olho certeiro como general, cão farejador. Sabia como ninguém puxar do tapete metáforas escondidas e sublimadas que traziam em si mensagens subversivas contra o regime então vigente. Antônio era magro e fraco, mas conseguia sair da Censura com os braços recheados de películas recortadas de todo tipo de filme. Comprou no mês de agosto daquele ano uma moviola velha, era autodidata e sabia colar filmogramas. Em sua casa, Antônio fazia filmes com trechos censurados de filmes. Morrera incendiado no dia 24 de novembro. Incêndio criminoso, assumido pela organização terrorista e marxista “Colina”.

EXT. VARANDA. DIA – VILA MARIANA – SÃO PAULO

JOSÉ MOJICA MARINS está sentado numa CADEIRA DE BALANÇO. Balança.

(CLOSE-UP UNHAS)

Pássaros CANTAM.

NARRADOR ONISCIENTE:
Um fim de tarde pode tornar-se
mais amedrontador que um gótico
castelo transilvânico esvoaçado
por neblinas, penumbriado pela
lua e zelado por seus morcegos
de pavorosa envergadura. Os
pássaros fazem-nos tremer mais que
nos fazem Drácula e Nosferatus.
Na velhice, cada pequena alegria
desperta dentro de nós uma pontinha
de lembrança, tristeza e nostalgia.

O CANTO dos PÁSSAROS transforma-se lentamente em SONARES de MORCEGOS e UIVOS de LOBOS famintos.

* * *

A tardezinha da fazenda, agradável e fresca, trazia lembranças que doíam como estaca fincada, foi ali que nasci e fui criado. Ali onde jazem ruínas era onde se produzia o famoso cigarro dos Carusos, o chamado “Que Tal” – ali que trabalhavam meus pais, espanhóis e trabalhadores de circo, que acabavam virando de todo palhaços.

Recomprei a chácara na primeira oportunidade quando os filmes da boca do lixo foram reconhecidos internacionalmente como “Cults” por gringos esquisitos e de sexualidade indefinida. Diziam que até bonequinho eu tinha virado lá pelo leste de Londres. E lembrar que tudo tinha começado com uma super-oito ganhada aos doze anos de idade.

* * *

Folha de S. Paulo, oito anos atrás

Entrevista concedida à Silviano Lereya para a Ilustrada:

F.S.P – E como foi que começou o seu interesse pelo cinema?
Z.C – Bom, já falei que meu pai trabalhava no cinema como projetista, aos doze anos ganhei uma Super-oito, que naquele tempo era a câmera mais barata que se tinha e que não era barato. Já a partir dali fiz meus primeiros filmes e conseguia mesmo com poucos recursos financiar a compra de novos negativos para a produção de outros. Hoje é tudo mais fácil.
F.S.P. – E a lenda de que o Zé do Caixão nasceu através de um sonho seu é verdade?
Z.C – Vamos dizer que o personagem exterior sim, mas toda aquela história foi construída para justificar a figura do sonho.
F.S.P – Você se enraivece por ser confundido com o personagem que criou?
Z.C. – Bom, se a resposta fosse sim, você estaria perdido, pois meu nome não é Zé e você só me dirige assim desde o início da entrevista.

(Esta entrevista ainda pode ser encontrada nas gavetas de fãs doentios ou embalando bananas).

Silviano é um jornalista que trabalha há mais de dez anos no caderno “Ilustrada” da Folha de São Paulo. Ele não gosta do trabalho que tem, ele odeia o trabalho que tem.
Silviano odeia todo mundo da redação, porque todo mundo da redação tem profunda pena dos críticos de seja lá o que for. Todos eles sabem e fingem que não sabem que nenhum crítico, tal qual Silviano, odeia o trabalho que tem. Silviano sabe que o olham com pena, por isso faz questão de irritar todos com o tic tac da caneta barata, que faz primorosamente bem, com isso conseguiu uma sala só para ele, que já é alguma coisa para alguém que sonhava em fazer cinema e hoje faz resenha.

* * *

Quis me levantar, mas ali da varanda as lembranças me pesavam as pernas velhas. Gosto de dizer que imprensa é sempre meio burra, sempre pretensiosa. O lucro acima de tudo, mas quando também se lucra com isso, cria-se um círculo vicioso. Se fosse cobrar por tudo que falaram ou falam de mim, ou estaria muito rico, ou estaria esquecido e enterrado.

Pouco tempo atrás, incapaz de definir, recebi um convite de uma TV francesa para uma entrevista nestes enlatados “talk night lives shows”. Recusei por impossibilidades físicas mesmo, o médico disse: “O atlântico é o limite, se for não volta”. Há menos tempo houve uma emissorazinha do interior paulista, dessas TVs universitárias que ninguém assiste e que ainda passam meus filmes sem direitos, mas a gripe já era obstáculo, a voz está de um zumbi cadavérico, uma rouquidão sombria.

Volta e meia me traziam chá na varanda. Acho mesmo que as empresas de chá gozam do prazer de manipulação dos preservadores da velhice. Queria café, não me davam. Naquele dia quis chá porque nem isso me trouxeram. Então continuava no balanço na cadeira bamba, que ia de lá pra cá, como se alternasse passado e presente. Na velhice o futuro é inexistente, obscuro, assim como aos espíritos. O futuro é o eterno, o sempre, o obscuro e o desconhecido. A proximidade com a morte nos torna devotos da vida, todos estamos do seu lado, mas para uns a morte é vizinha.

A cadeira rangia, era o som de um mordomo pálido com cara de defunto que abria a porta, e fechava, e abria, e fechava, e abria, e fechava, e abria, e fechava. A tosse não me deixava nem pensar direito, me interrompia a concentração, até os passarinhos que cantavam por ali se assustaram e tomaram vôo durante uma crise aguda. Tem coisa que só assusta na infância e na velhice, vai ver que é ilusão de adulto.

* * *

A Trash Star Brazilian

In the last few weeks I’ve known a group of brazilian punks. They’re living in London since 2002. One of them, the craziest one, sent me an e-mail that contained links about one movie artist from his country that I’ve never heard about, José Mojica Marins, or just Zé do Caixão (Joseph’s Coffin).

The movie was “À Meia Noite Levarei sua Alma” (Midnight I’ll take your soul), the first one where he debuted the character of Zé do Caixão. The first topic that shine me up was the expressionism of the movie’s photography. Lights and shadows absolutely constructed to put your courage down. His obsession of cemetery is gorgeous, and the dialogues are fully mysterious and philosophical.

Meantime, the most peculiar point of the film is definitely the screenplay, not just the “screamplay”, obviously bright. That’s not in fact just a support of the terror and fear, it’s strong and hard, withal intelligent and thoughtful.

It deals about a normal man called Josefel Zanatas, who had been in love with Sara. They were almost married when Josefel was called to integrate the Brazilian Army in the second war, which was requested in Italy, where Sara dreamed to wed. After her parents’ death, Sara waited for Zanatas during a long period, but she’s got disappointed and married the city’s mayor.

Josefel was not dead. When he returned from Europe, he got Sara on the Mayor’s lap. The hatred was huge, and he promised himself to never allow tranquility to the citizens, and spread fear to all.

The Plot is amazing and dark, if you are interested, here is the link of the Torrent, just download it and please send me your impressions of this unknown Brazilian filmmaker. I hope I could help, see you soon bats.

Comments (2)
Richardspok:
Downloading, does it have subtitles?

Alusha_Milk:
Mix of Nosferatus and Dracula, nothing new bats!!!!

* * *

... como diz a palavra do Senhor, ou você está com Deus, ou está sem ele. É nessa hora que podemos unir nossas forças e lutarmos contra o mal que prevalece sob a terra. Irmãos, o diabo é astuto e a toda ora quer abrir brecha em nossas vidas para poder entrar e se refestelar. Hoje mesmo, irmãos, minha filha, que tem onze anos de idade, me perguntou: "Papai, quem é Zé do Caixão?" Nessas horas, irmãos, é necessário o conhecimento da palavra do Senhor, pois é esse o momento de prova, irmãos, o momento de mostrar o quanto somos ungidos pela graça do Pai, o quanto nos mantemos fortes na palavra, e sabe o que eu respondi, irmãos? É o Satanás, minha filha, o Zé do Caixão é o capeta! Misericórdia!, ela respondeu. E o Satanás estava na televisão papai? O satanás mora lá dentro da televisão, minha filha.

Vejam, irmãos, o quanto é necessário ter discernimento e saber enxergar as coisas. Não há mais sequer o pudor de esconder a prevalência do mal. A figura satânica do Zé do Caixão foi inspirada num demônio, no demônio "Exu balança caixão", e sabe do que ele trata? Da morte! E sabe onde minha filha o viu, irmãos? Num programa infantil. O diabo não quer mais esconder suas garras, se não nos unirmos, se não fizermos força maior pela graça de Deus, ó Pai – ele vai nos devorar com sua capa preta e suas unhas de besta indomável...

Pr. Paulo Egídio (trecho transcrito da pregação ocorrida dia 14 de dezembro de 2010. Igreja Renascer em Cristo, RJ).

* * *

"O único remédio para a gripe é o tempo, ou vai ela ou vai você."

O Poeta

* * *

Tinha medo de muita coisa, se Lenir Dark ficaria bem sem mim, se meus filhos entenderiam minha partida. Outras coisas bobas da vida me amedrontavam mais que lua cheia e uivo de lobo, como noticiariam minha morte? Morre José Mojica de gripe. E seria possível crerem? Ninguém creria que o Zé do Caixão morrera de gripe, a não ser que especificassem – das do tipo espirituais. A velhice nos prega peça das grandes, como disse, humilhação morrer de gripe, pudera ser de encosto, macumba, epilepsia. Queria ir para o médico e ele me dizer que não tinha diagnóstico preciso, que o problema tava era na cabeça, ou simplesmente me tirar um verme de mais de metro do interior do intestino, desses de cabeça preta e presas afiadas.

Eu que tanto zombei da morte seria por ela consumido da forma mais asquerosa possível, morreria quietinho ali, como todos desejam um dia morrer, de velhice, de morte natural. Ririam de mim, zombariam da minha cara e jogariam minha reputação aos vermes. Gritei "Edineide!", mas ninguém ouviu, nem eu ouvi, não será possível!

Ganharia um Globo Repórter inteiro se morresse, mas não se morresse de gripe.

* * *

TELEPROMPTER (Sérgio Chapelin):

Boa Noite. Mito incontestável de
uma geração, Mojica se confunde
com o personagem criado em seus
filmes de terror. O Globo Repórter
de hoje faz uma homenagem especial
a uma das figuras mais importantes
do cinema nacional, José Mojica
Marins, o Zé do Caixão, que morreu
esta semana vítima de gripe.

* * *

Chamei Edineide novamente, talvez fosse a hora e pediria que mentisse as causas da minha morte, diga que foi coisa da umbanda, que achou saco de terra de cemitério embaixo da minha cama! Não, ela pode até achar que estou delirando e chamaria o médico que comprovaria se tratar de influenza, está errado. Se for morrer, melhor morrer aqui mesmo, talvez os londrinos fanáticos acreditem em forças sobrenaturais. Se ao menos estivesse com um pentagrama no pescoço, uma gravura do Baphomet na mão, acho que nem tenho mais uma. Se tivesse forças pra buscar um telefone, ligaria pra qualquer um e fingiria uma possessão. Acho que não vou morrer, acredito ter sido só falta de ar por excesso de tosse. Me incomodo ninguém ouvir, da próxima vez tusso mais alto.

Os passarinhos voltaram, e agora me soam como mau agouro, xô, xô! Canto repetitivo, a coruja é que sabe cantar lindamente como um contrabaixo tremulante em noite de taverna. E vai chegando a hora dela, vai alaranjando o céu, amadurecendo o dia para o podre da noite. A noite sabe cheirar bem e canta como ninguém o silêncio.

* * *

"A noite é metonímia da morte"

O Poeta

* * *

Acho que caí no sono e já escureceu, mas ainda cantam os pássaros à luz da lua. Vem, vem! Chama Sara com as mãos alvas estendidas, como se pedisse uma valsa – Vem, vem Josefel Zanatas! Olho para o outro lado e Lenir Dark me olha com repreensão – É só uma voltinha. Minha esposa não gostou da idéia, mas me levantei como um jovem homem, moço. Não sentia o cansaço da velhice, era forte e viril. Vem, vem Zé! Continuava Sara com seu sorriso malicioso, como eram os das ninfetinhas dos filmes da boca do lixo, com seus peitinhos durinhos de soft-porn. Vem, vem Zé! Continuei andando como menino no cio, pronto para a procriação, empolgado com a mulher ideal para a disseminação da espécie ideal, do sangue puro. Olhei para trás, não gostei do rosto triste de Edineide. Quis dizer algo, não pude. Vem, vem meu amor, vamos nos casar na Europa, sussurrava Sara. Corria com o vento, ora indo, ora vindo, cada vez mais

calmo, já era noite, tinha sede, queria trepar. Vem, vem! Já vou meu amor, me espere, estou chegando! Fez-se noite, os pássaros voltaram aos ninhos e as corujas se preparavam para a caça. Tinha lua cheia.

* * *

INT. CEMITÉRIO – DIA (Zenital)

Uma COVA. CHOVE. PESSOAS vestidas de preto entram segurando um CAIXÃO de madeira escura. Descem o caixão. Jogam FLORES.
Não há PADRE. COVEIRO joga terra sobre o caixão.

CUT to

Cri que ouvia a terra como chuva, como temporal. Estávamos ali estarrecidos, nós e toda a imprensa do Brasil e de muitos países também, veio até a BBC de Londres. A chuva era a terra que caia sem cuidado e arranhava as paredes do caixão comprado há muitos anos atrás. Diriam até que sorria lá dentro, ria dos que choravam aqui fora, afinal, finalmente pode gozar da tão temida e esperada morte. Não sei o que encontraria por lá, nem ao menos se poderá vir nos dizer o quê, uns acreditam, eu não.

Aos poucos restou o Zé, o caixão a sete palmos de baixo da terra fofa. Ele que conhecia de tanto a morte não deixou de temê-la. Foi com Sara para o além, ver como vivem os espíritos que tanto respeitava, virou um. Talvez venha nos contar como é estar lá, talvez nos pregue peças, talvez cause medo. E então vieram as flores, e jogaram mais e mais flores. Na lápide: “Descansando em paz, não perturbe para não ser perturbado”.

Silviano Lereya para a Ilustrada, Folha de S. Paulo.

* * *

O FIM

Silviano Lereya pedirá demissão do jornal Folha de São Paulo após ser aceito como portador de diploma pelo presidente do curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina, Mauro Eduardo Pommer.

Após quatro atribulados anos de estudos e arrependimento, Silviano finalizará o seu trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentando o documentário “Anoitece-se” – que contará a trajetória de vida de José Mojica Marins, sempre confundido com o personagem que criara, o Zé do Caixão.

Em suas pesquisas, Silviano terá acesso ao arquivo nacional, com direito a fuçar e revirar toda tranqueira abarrotada pela censura durante o governo militar. Desta forma, ele chegará à história daquele que fora um dos mais competentes censores do país, o general Antônio Romero de Sá, Romeritto, como era conhecido.

Na antiga casa de Romeritto, que ainda pertencerá à família Romero de Sá, Silviano encontrará todo material censurado – recolhido, usurpado, recortado, repensado, colado, editado, pós sincronizado e intacto – que o general fazia. Isso renderá a Silviano o prêmio de melhor documentário no Festival de Brasília, pelo filme: “O General e a Moviola”.

Um dos trechos recauchutados por Antônio Romero, e que será reapresentado no documentário, é a cena filmada por José Mojica na qual o Zé do Caixão arrasta a MOÇA para o túmulo de concreto, rasga-lhe as roupas e tenta disseminar sua espécie de sangue puro. A atriz que aparece nua é Janaína Mendonça, que estará protagonizando a novela das oito. O trecho será cortado do documentário a pedido dos advogados da atriz, mas vazarão na internet e renderão a Silviano dois processos, para a alegria dos redatores da Ilustrada da Folha de S. Paulo que não vinham sendo mais irritados por ruídos de canetas baratas.

* * *

É bem, e o resto?

Nunca mais se ouviu falar de José Mojica Marins, a não ser às vezes quando o filho do gringo esquisito e de sexualidade indefinida resolve mexer no sótão do pai, ou quando o espírito do Zé do Caixão é recebido no terreiro híbrido de umbanda em Alto Paraíso – Goiás. O Pr. Paulo Egídio condena.

FADE OUT

FIM

CRÉDITOS FINAIS:

José Mojica Marins
Antônio Romero de Sá
Narrador Onisciente
Silviano Lereya
Richardspok
Alusha_Milk
Pr. Paulo Egídio
O Poeta
Edineide
Sérgio Chapelin
Sara
The Mayor
Coveiro
Pessoas de preto
Jornalistas nacionais
Correspondentes da BBC de Londres
Equipe da TV universitária
Mauro Eduardo Pommer
Janaína Mendonça
Gringo esquisito
Filho do Gringo esquisito
Padre ausente

Michael Douglas

Michele Costa

No dia 31 de agosto de 2010, Michael Douglas anuncia à imprensa que está com câncer maligno na garganta e que, segundo o doutor, ele tem no máximo três meses de vida.

O ator, muito abalado com a notícia, resolveu ir para casa de campo com Catherine Zeta-Jones, a atual esposa, e os dois filhos. Ficou alguns dias quieto, sem falar direito com o resto da família, lembrando da infância difícil, da separação dos pais, de como se sentia sozinho naquela época. Também lembrou que tornar-se ator foi um grande desafio, principalmente porque ele poderia ter vivido à sombra do pai Kirk Douglas, mas se destacou e conseguiu atuar pelo próprio nome, e não o do pai.

Após algumas reflexões, ele resolve juntar-se à família e pede desculpas por estar tão distantes nos últimos dias. Diz à Catherine e às crianças que já conseguiu superar várias coisas e essa seria mais uma delas. Naquela noite ele transou com Catherine como se ele estivesse há tempo sem sexo. Mesmo sem Viagra, ele conseguiu satisfazê-la. Feliz, ela abraçou-o e perguntou o que ele desejava fazer nestes próximos três meses, então, juntos, os dois fizeram a lista.

O primeiro item era ir à cadeia visitar o filho Cameron Douglas, fruto do primeiro casamento, aquele com Drianda Luker, pedir desculpas por ter sido um pai ausente e por não tratar a mãe dele bem, sempre traindo ela e deixando a família de lado para se divertir nos braços de outras mulheres. Ele falou ao filho sobre o estado terminal no qual se encontrava. Os dois conversaram por várias horas e no final sentiram-se novamente como pai e filho.

O segundo item da lista era fazer um jantar para Catherine e os filhos, coisa que ele nunca teve quando criança. No jantar em família, eles riram e se divertiram muito, as crianças abraçaram o pai e encheram-no de palavras carinhosas e confortantes. Entre os jogos de tabuleiro e risos, todos dormiram em frente à lareira.

Algumas semanas se passaram e inesperadamente ele teve uma leve melhora. Os médicos acreditavam que havia grande possibilidade de recuperação. Entretanto, devido aos tratamentos com quimioterapia, a aparência física dele ficava cada vez pior.

Michael deu uma entrevista para o programa Late Show com David Letterman*, onde falou que o cigarro, a bebida e principalmente o estresse da vida atarefada de um ator fizeram com que ele tivesse câncer. Disse também que às vezes não se reconhecia porque há 15 anos vivia como um boêmio, sem moral ou algo com que valesse a pena se preocupar. Ele mudou, pode-se realmente afirmar, mas no casamento com Catherine sempre foi um marido atencioso e carinhoso, apenas ausente devido aos compromissos. O câncer veio em boa hora, pois agora ele estava sendo um pai mais presente.

*“*Tenho câncer. Descobri isso há três semanas. É na garganta. Este tipo específico de câncer é causado pelo álcool e pelo cigarro. Eu fumava e bebia.” – Michael Douglas em Late Show with David Letterman*

Apesar da melhora representativa de Michael, Catherine pediu a ele que continuasse com a lista, pois ali estavam as coisas que ele desejava fazer. Deveria fazê-las não por estar à beira da morte, e sim pelo simples fato de querer. De acordo, os dois foram atrás do próximo item da lista: promoveram um jantar para arrecadar fundos para os projetos sanitários do programa Free The Children em Dubai. Michael sentiu-se realmente realizado por saber que o esforço para arrecadar fundos para as crianças de Dubai foi um sucesso, pois agora elas teriam acesso à água corrente e não precisariam mais defecar em valos.

O próximo item, Michael Douglas iria a Israel fazer uma renovação espiritual sozinho. A família o deixou no aeroporto e ele ficou lá esperando o avião, imaginando que a lista estava quase terminando e ele havia tornado-se um pai de família decente e cauteloso, mas subitamente ele sentiu que a lista poderia ter muitos itens a mais, itens que ele realmente desejaria viver sem que ninguém ficasse sabendo. E, entre esses itens, uma das coisas que ele sempre ficava imaginando era como uma mulher sente-se durante o sexo. Um dos desejos mais cobiçados por ele naquele momento da lista era ter uma experiência homossexual. Por conseguinte, ele não entrou no avião que iria para Israel, ficou mesmo em New York em uma pensão maravilhosa, no quarto 27.

Na primeira noite em New York mandou um e-mail para família dizendo que já estava em Israel e entraria em uma espécie de congresso de purificação espiritual. Feliz, Catherine manda o e-mail para a revista People, orgulhosa do marido. Enquanto isso, Michael procurava na internet garotos de programa, e uma lista de nomes e fotos apareceu na tela. Ele então ligou para o cara mais “atraente” e mais requisitado segundo o site. Depois de ter persuadido o homem, conseguiu, com muito dinheiro, convencê-lo a vir na mesma noite. Ansioso, ele andava de um lado para o outro naquele pequeno quarto tentando imaginar a sensação que vivenciaria dali a algumas horas.

“Exatamente às 21 horas do dia 03 de outubro de 2010, o garoto de programa bateu na porta do quarto 27. Michael, ansioso, pediu ao homem que entrasse. Ele ficou algum tempo quieto e explicou toda a situação para o prostituto, sem revelar a verdadeira identidade. Douglas perguntou o que poderia experimentar e o prostituto (vou utilizar aqui um nome fictício) Juan disse que ele poderia fazer os tipos de sexo que ele sentisse mais prazer. Douglas pensou um pouco e falou que gostaria muito de fazer sexo oral em Juan e logo após, talvez, tentar uma penetração anal.

Então Juan e Douglas despem-se, aquele sentou na cama e este colocou a camisinha nele. Michael começou a fazer sexo oral e ficou por lá durante alguns minutos, aparentemente muito satisfeito com o que estava fazendo. Quando de repente ele parou todos os movimentos, caiu no chão, ficou com a cara muito vermelha e o pescoço inchado e permaneceu estirado no chão com um olhar fixo para o membro de Juan. O garoto de programa pegou o dinheiro em cima da mesa, vestiu-se e rapidamente deixou o recinto”. *(Segundo depoimento do Prostituto Juan)

Depois de aproximadamente dois dias, vendo que não havia movimentação no quarto 27, o dono do pensionato foi até o quarto, bateu algumas vezes na porta e, sem resposta, abriu-a e viu um homem estirado no chão. Imediatamente ligou para a polícia.

Michael foi levado ao hospital. Estimam que sua morte tenha acontecido aproximadamente às 21h20min do dia 03 de outubro. O corpo foi encontrado apenas no dia 05 de outubro às 10 horas da manhã. Após algumas pesquisas, os

policias descobriram que se tratava de Michael Douglas e contataram a família, chamando Catherine para fazer o reconhecimento de corpo. Ela, incrédula, foi até o local alegando que provavelmente ocorreu algum engano, pois Michael estava em Israel fazendo uma peregrinação.

Nesse meio tempo as autoridades já haviam pegado a descrição do garoto de programa que havia visitado Michael. Eles encontraram facilmente o rapaz que, ao dar seu testemunho, fez com que os médicos concluíssem a declaração de óbito de Michael Douglas.

Após o reconhecimento do corpo, Catherine perguntou ao médico a causa da morte. Ele, um tanto quanto constrangido, perguntou à Catherine se ela sabia do encontro de Michael com o prostituto Juan. Como a resposta foi negativa, o doutor pediu que ela fosse até a delegacia e conversasse com o responsável pelo caso.

Logo após essa breve conversa, ela seguiu ao encontro do delegado, que lhe explicou todo o ocorrido, alegando que Michael morreu porque o câncer deixara a garganta mais sensível e, ao entrar em contato com o lubrificante presente na camisinha, criou-se uma irritação interna muito grande na garganta. A irritação obstruíra a garganta de modo que o ator acabou morrendo por asfixia e, consequentemente, morte encefálica.

Catherine pediu aos policiais para abafarem o caso. Ela voltou para o carro e percebeu que Michael o tempo todo estava vivendo e sendo algo que ele nunca foi. Voltando para casa, comunicou aos familiares o ocorrido, não revelando a verdadeira causa da morte dele, afirmando estar relacionada com o câncer. Ela continuava tentando fazer o que sempre fez para Michael - transformá-lo em algo que ele nunca realmente foi: um pessoa que segue a moral e ética da vida em sociedade.

A morte de Quentin Tarantino

Thiago Augusto Wollmann

Essa história conta o início do fim da vida de Quentin Jerome Tarantino. Tudo começou em junho de 1993, quando, depois de terminadas as gravações de Pulp Fiction, Quentin Tarantino decidiu passar suas férias de verão em Hill Valley, cidade no norte da Califórnia na qual nasceu e onde então ainda viviam seus pais; Tarantino estava envolvido em um romance com a atriz Uma Thurman, que interpretou a personagem Mia Wallace em Pulp Fiction; Thurman, que também estava de férias, aceitou o convite de Quentin para passar algumas semanas longe de tudo. Quentin estava indo visitar os pais após dois anos da última visita, a qual fizera em 1991, antes mesmo das filmagens de Cães de Aluguel e também antes de explodir como diretor nas telas do mundo inteiro. Apesar de todo sangue jorrado nos filmes, na sua vida pessoal Tarantino era muito diferente do cara durão que sempre estava atrás da câmera e se mostrava um completo apaixonado pelas pessoas que faziam parte da sua vida, como sua família e seus amigos; Ele, como filho único, sempre sentiu uma necessidade de não abandonar seus pais, e o que acontecera algumas semanas antes em Hill Valley fez com que os laços entre eles ficassem mais fortes e a viagem de férias tivesse mais um bom motivo para ser feita; Naquela data em que eles (Tarantino e Thurman) embarcavam para viagem, completava exatas três semanas que, em um assalto ao banco da cidade, Charlie Tarantino - pai de Quentin e segurança do banco - fora acertado por um dos disparos feitos pelos bandidos; Apesar de ter atingido uma região não muito complexa no braço direito, ele ainda estava afastado do trabalho e se recuperando do acontecimento.

Na noite de 12 de junho, Quentin e Uma chegam à cidade. A Mãe de Tarantino estava esperando pelos dois na rodoviária quando eles desembarcaram do ônibus. Connie McHugh, a mãe dele, era uma mulher muito guerreira que havia passado por inúmeras dificuldades na sua vida, mas que nos últimos tempos - com exceção do acontecido com Charlie - estava numa fase muito boa e muito contente com o sucesso do filho. Ela era dona de um restaurante na cidade e os negócios iam bem. Enquanto Connie dirigia rumo a sua casa, onde Charlie estava esperando para evitar esforços físicos, ela contava as novidades; Connie perguntou ao filho se ele se lembrava de Kim; Quentin mudou repentinamente de humor e, após fechar o sorriso descontraído que estava carregando no rosto, respondeu que sim; Sua mãe contou que ela voltou para a cidade, pois havia cansado de viver fora do país; Quentin interrompeu a mãe no meio da história se sentindo desconfortável, porém, àquela altura da conversa, Uma já sabia de toda a história da antiga namorada que tinha acabado de ser narrada por Connie.

Quentin guardava uma enorme mágoa da adolescência, de quando namorava Kim; Ela sempre foi muito diferente dele e sonhava em viajar pelo mundo. Eles eram muito apaixonados, talvez ele um pouco mais que ela e talvez por isso tenha sofrido tanto com o fim do relacionamento quando ela decidiu largar a faculdade, terminar o namoro e, finalmente, viajar para a Europa. Quentin tentou ir com Kim, mas ela, sempre um pouco mais racional, disse que

precisava de um tempo sozinha e que o sonho dele estava ali, e não lá onde ela estava indo.

Depois de ver a reação do filho no carro quando falou de Kim, Connie ficou com medo de contar ao filho que a garota estava morando no sótão da casa; Os pais dela, que tinham o mesmo espírito aventureiro, haviam vendido a casa que tinham na cidade e foram viajar pela América Latina, porém nem mesmo Kim sabia ao certo o paradeiro dos pais, se é que eles estavam parados em algum lugar; Connie ofereceu um emprego a ela quando chegou à cidade e Kim não pensou duas vezes; porém isso era o de menos, pois o que mais preocupava a mãe era a reação do filho em relação à presença dela na casa. Quando Quentin entrou em casa, a surpresa. Ela estava lá, na sala de jantar, com o mesmo sorriso de quando partiu; Ele a olhou por um momento e ficou absolutamente sem reação. Connie então apresentou à Uma a antiga namorada do filho, e as duas cumprimentaram-se; Quentin realmente nunca havia falado sobre Kim para Thurman. Connie, para quebrar o gelo, explicou brevemente a situação de Kim ao filho e este esboçou um sorriso e, meio sem palavras, desejou boas vindas a ela.

Durante a janta, o celular de Uma tocou e ela foi ao banheiro atender; quando voltou estava estranhamente nervosa, mas após alguns minutos aparentava um semblante mais tranqüilo, apesar de não estar, de fato. Depois da refeição, Charlie convidou todos a irem à sala de estar para contarem velhas histórias, porém Uma, desculpando-se, pediu para se retirar, pois estava sentindo-se um pouco mal; Connie levou-a até o quarto onde eles passariam os próximos dias. Quentin, que havia ficado na sala com o pai, subiu ao quarto quando viu que sua mãe estava descendo as escadas e foi ver como Uma estava. Ela falava no telefone quando ouviu alguém mexer na porta, então escondeu o aparelho rapidamente. Quentin perguntou se ela havia se incomodado com o fato de Kim estar morando ali e explicou que era uma surpresa para ele também, e que eles poderiam ir para um hotel caso ela preferisse. Ela riu dele e falou que estava apenas um pouco cansada da viagem, mas que tudo iria ficar bem pela manhã e que absolutamente não se incomodava com a situação, prometendo ainda que não teriam problemas quanto a isso; Quentin voltou à sala e ficou lá com seus pais ouvindo as novidades e falando sobre o que havia ocorrido com seu pai.

Na manhã seguinte, quando ele acordou, estava sozinho na cama; imaginou que Uma já estivesse lá embaixo com seus pais, sem notar o horário que se aproximava do meio dia. Após tomar banho e voltar para o quarto, percebeu que já estava na hora do almoço e, ao ver que estava sozinho em casa, decidiu ir até o restaurante da sua mãe que ficava na quadra ao lado, pois pensou que todos estivessem lá. Ao chegar, encontrou apenas seu pai sentado próximo à televisão; Connie e Kim estavam ocupadas na cozinha; perguntou sobre Uma para Charlie e este contou que ela havia acordado cedo e pedido um táxi, e que nem mesmo tomou café com eles, pois estava com pressa, mas não falou para onde estava indo, nem ninguém quis questionar. Quentin achou estranho e tentou ligar para o celular dela, mas este estava fora de área; Charlie achou o filho meio preocupado e revelou a ele que ainda sofria com suas paranóias antigas, entre elas, anotar as placas dos carros de pessoas estranhas que pudessem eventualmente ser úteis. Naquela manhã não tinha feito diferente e então entregou ao filho um papel com o número da placa do táxi; Tarantino pegou o carro da sua mãe emprestado e foi andar pela cidade a fim de encontrar Thurman.

Dirigindo pela cidade, pensava no que poderia ter acontecido para Uma sair assim, sem ao menos avisar ou deixar um bilhete; Ela era uma mulher bastante fechada e raramente contava seus problemas; poucas vezes falou sobre seus pais e sua família; pra falar a verdade, havia falado sobre isso apenas uma vez, quando contou a ele sobre sua irmã que havia sido vítima de uma chacina no ensaio de seu casamento. Mergulhado nesses pensamentos, nem percebeu que tinha acabado de passar por um ponto de táxi e, ao ouvir uma buzina, olhou pelo retrovisor do carro e então pôde ver o ponto de táxi se afastando no espelho. Voltou lá e, para sua surpresa, o táxi que procurava estava estacionado; perguntou ao motorista sobre a passageira que havia buscado na casa de seus pais pela manhã, e ele respondeu que estava indo em direção ao sul quando ela pediu para parar em um posto de gasolina, onde entrou em uma van preta e seguiu em direção ao sul; Ele começou a ficar preocupado e as informações que o taxista possuía se esgotaram; ele dirigiu até o restaurante e disse a sua mãe que iria usar o carro durante o dia; sua mãe pediu que ele levasse Kim junto, pois ela precisava comprar algumas coisas para o restaurante fora da cidade; ele se viu sem alternativas e acabou aceitando o pedido da mãe.

No caminho para a estrada do sul, Quentin não falou nada; Kim parecia incomodada com aquele silêncio e em certo momento uma lágrima rolou do seu olho; Ele olhou para o lado e percebeu que ela estava chorando, despertando-o dos seus pensamentos distantes; Perguntou se ela estava bem e Kim afirmou que sim com a cabeça; esquecendo por um momento de Uma, ele estacionou o carro na beira da estrada, num posto de gasolina, e convidou ela para tomar uma água; os dois saíram do carro e entraram no restaurante ao lado do posto, onde se sentaram numa mesa, de frente um para o outro; ela continuou com os olhos em lágrimas, enquanto ele olhava para fora da janela; ele voltou então seu olhar para ela, que já estava mais calma e começou a falar; ela pediu desculpas por tudo que aconteceu no passado, falou que, apesar de tudo, ela estava muito feliz vendo-o realizando seu sonho e conseguindo as coisas que ele sempre quis; ele sorriu um sorriso triste e não conseguiu falar nada; eles ficaram em silêncio por alguns minutos e voltaram ao carro; lá dentro, ele perguntou à Kim se ela havia realizado seus sonhos, porém ela não respondeu; mudou de assunto; começou falar sobre o que aconteceu no banco naquele dia; disse que estava lá pagando algumas contas quando tudo aconteceu; ele pediu a ela para contar como ocorreu, e Kim narrou o que viu; quando terminou, os dois ficaram em silêncio, ele deixou uma lágrima escapar, a qual ela secou; ela segurou na sua mão, que estava ao volante, e disse que tudo ia ficar bem; eles permaneceram em silêncio.

Chegando em Fairvale, cidade vizinha a Hill Valley, eles entraram no mercado, onde Kim foi comprar as coisas que precisava, e Quentin usou um telefone público para ligar para Uma, porém dessa vez ela não atendeu, apesar de já estar dentro de uma área de cobertura; Ele ligou para o serviço de informação e pediu para rastrear o número do celular contando que havia perdido ele, mas não sabia onde ele poderia estar; acabou dessa forma descobrindo que Uma estava em Fairvale; a essa altura Kim já havia terminado as compras e estava esperando por Quentin no carro; ele voltou até o carro e disse que ela precisaria ir com ele antes de voltar para o restaurante; ela falou que não teria problema se não demorassem, pois Connie estava esperando os ingredientes, e já estava próximo ao horário de começar o trabalho na cozinha para a janta.

Andando pela cidade, ele pediu à Kim que observasse os carros e avisasse se por acaso ela enxergasse uma van preta. Eles andaram por alguns minutos e de repente Kim ficou pálida como a neve, com o olhar fixo pela janela do carro, observando um homem que atravessava a rua. Nesse mesmo momento, Quentin enxergou uma van preta e apontou com o dedo; quando ele olhou para Kim, assustou-se com sua expressão de medo; perguntou o que tinha acontecido; ela apontou o dedo que estava tremendo para o homem na rua e falou que era o homem que havia atirado em Charlie; Quentin quis acelerar o carro e acertar ele, mas Kim o segurou, enquanto observavam ele passar; ele entrou na van.

Eles começaram a seguir o carro em que o homem entrou; os vidros eram escuros e não era possível enxergar quem estava dentro; eles seguiam cautelosos, mantendo certa distância da van; dentro do carro, um turbilhão de pensamentos tomava conta da mente de Quentin, enquanto ao lado Kim, ainda apavorada, ligava os pontos e como que, de súbito, percebeu que não estavam seguindo apenas a van com o homem que atirou em Charlie, mas provavelmente também a van que estavam procurando a tarde inteira; Kim tinha se abalado por um momento e não percebeu antes o que estava acontecendo, nem o porquê do nervosismo de Quentin; mas agora era claro.

Eles já estavam fora da área urbana da cidade e andavam numa auto-estrada em direção ao sul; como o fluxo de veículos era ao menos razoável, puderam se camuflar entre alguns outros carros; de repente, começou a tocar um telefone dentro do carro; Quentin e Kim se olharam, cada um imaginando que o outro soubesse o que era, porém nenhum dos dois estava carregando um celular; o barulho vinha do banco de trás, e Kim buscou encontrar algo em meio às compras; encontrou um telefone celular e atendeu a chamada; mais uma vez ficou com um semblante pálido; era Thurman. Quentin pegou o telefone e, gritando, perguntou o que estava acontecendo; Thurman disse que ele jamais poderia entender, porém, apesar disso, ela tinha algumas coisas para lhe dizer e que, naquele momento, por telefone, seria a única forma ainda possível.

Primeiramente, eu preciso lhe pedir desculpas por todas as mentiras – disse ela – eu não queria que fosse assim, mas você sempre complica tudo; eu devo dizer que já sabia que você viria atrás de mim, isso explica o porquê do telefone que você está usando agora estar dentro desse carro; Muitas coisas aconteceram na minha vida nos últimos anos e onde eu estou hoje talvez não seja um lugar muito agradável, mas as coisas perderam o controle e agora eu estou onde estou. Do outro lado da linha, Tarantino não compreendia patavinas. Do que você esta falando? – indagou ele – seja objetiva, por favor. Há alguns anos – continuou ela – eu e meus pais passamos por algumas dificuldades e, junto com meus irmãos, todos decidiram mudar de vida; a gente escolheu um jeito errado; Enquanto eu trabalhava em Hollywood como atriz para manter toda minha família com dinheiro limpo, todos estavam arquitetando e executando assaltos a bancos pelo interior do estado; eu era apenas uma cortina para esconder o que acontecia atrás do palco; a chacina da qual eu te falei foi um acerto de contas; depois disso, nossos pais e nossos irmãos entraram em guerra entre si, restando apenas eu e Jake buscando retomar nossas vidas normais; mas agora Jake esta sendo procurado pela polícia e a única forma de acabar com isso é tentando uma nova vida no México. Querido, me desculpe, mas o Jake é tudo que eu tenho na vida; no próximo retorno, encoste o carro e volte para casa, perdoe o Jake, por tudo que nós vivemos até aqui; desculpe-me, eu sei que você vai ficar bem, não sou a primeira pessoa a te abandonar; adeus.

Tomado pela fúria do que havia acabado de ouvir, ele acelerou o carro e encostou ao lado da van; em alguns golpes rápidos com o carro, conseguiu tirar a van da pista, fazendo-a atingir um poste na beira da estrada; àquela altura já não havia outros carros na auto-estrada, apenas eles; Quentin estacionou o carro logo na frente da van, pegou a arma de sua mãe embaixo do assento e caminhou em direção à van, que estava amassada contra o poste; um disparo então rompeu o vidro da van e atravessou o ombro de Quentin; Kim, que estava no carro, gritou e, desesperada, saiu do carro correndo atrás dele que havia caído na beira da estrada. Nesse mesmo momento, Uma abriu a porta e, apesar de estar ainda meio tonta devido ao acidente, estava armada e caminhando em direção à Kim; Kim, que estava desesperada, não percebeu que Uma agora apontava uma arma para sua cabeça, porém, antes mesmo que pudesse perceber, Tarantino aproveitou um ato de distração de Thurman, que só olhava para Kim, e disparou um tiro que acertou o joelho de Uma; ela gritou, e outro tiro foi disparado pela arma de Tarantino, acertando a cabeça de Jake, que não conseguiu sair de dentro do carro; Thurman, que havia caído no chão junto com sua arma, gritou alto e, se esforçando ao máximo, conseguiu recolher sua arma, que estava caída no chão; acertou, num golpe rápido e certeiro, um tiro na cabeça de Tarantino. Kim, apavorada, conseguiu ainda empurrar Thurman para a beira da estrada e disparar-lhe dois tiros na cabeça antes que o socorro chegasse; mas era tarde demais. Ela então, chorando, abraçou o corpo de Quentin e pôde naquele momento dizer o quanto sentiu sua falta durante todo aquele tempo longe; mas era tarde demais. Cantou uma canção bonita de adeus; mas era tarde demais.

Nicolas Cage

Aruã Sanção Fazendeiro

Nicolas Cage acabara o último dia de filmagem de “Um dia quase imperfeito”. Ele não aguentava mais ir para aquele estúdio interpretar o perdedor Jack Nothing. Jack, David, Roy, Charlie, Seth... Sempre o mesmo personagem: homens tristes e perdedores. Sua vida não ia bem, era como se seus personagens o atrasassem. Sua terceira mulher, Alice, acabara de abandoná-lo, e ele não tinha mais contato com seu filho, Kal-el. Pensava em mudar tudo, parar de atuar, fazer outra coisa. E o filme finalmente acabara! E agora? Iria esperar o próximo papel de perdedor ou iria tomar outro rumo na vida? Pensava nisso quando recebeu um telefonema de sua agente:

– Nicolas, não sei se ainda te interessa esse tipo de coisa, não acho muito a sua cara, mas o Howard Wood quer você em um filme de ação, se chama Inteligência Atômica!

– Sério? E do que se trata?

– É o seguinte: Você é um gênio da química chamado Stanley Spritz e está prestes a fazer uma descoberta importante, mas um ex-oficial do exército americano instala mísseis com armas químicas apontados para o Pentágono, reivindicando que o governo libere uma tecnologia secreta e só você pode deter o cara, pois você é o único nos Estados Unidos que sabe desarmar aquele tipo de armamento. Você se recusa a ajudar, aí a CIA te acusa de ser espião, apresenta provas falsas e te obrigam a trabalhar em troca de sua inocência. Então você tem que desvendar sozinho uma conspiração, enquanto foge da CIA e dos comandados do seu antagonista.

Nicolas ficou em êxtase, até deixou a agente do outro lado falando sozinha. Era isso que ele queria. Finalmente! Não aguentava mais interpretar “Jacks Nothings” em “Dias quase imperfeitos”. Até se esqueceu do problema com Alice e com o filho.

Na manhã seguinte, a agente mandou o argumento para Nicolas. Ele saiu de casa correndo, pediu seu café com gestos rápidos, pegou-o já pagando e pondo o pé pra fora. Havia um congestionamento, saltou-o heroicamente, fez parkour pela cidade. Viu um cara roubando uma senhora, bateu nele, pegou a bolsa e devolveu. A senhora ia agradecer, quando foi interrompida bruscamente – não foi nada – Ele sorriu e já saltava dentro de um taxi em direção ao estúdio. Chegando lá, logo foi atrás de Howard Wood saber os detalhes e ver quando começaria a gravar.

– Howard, bom te ver! A agente me ligou e...

– Nic, meu herói, diz aí, ela já te mandou o argumento? O que você achou?

– É demais! Tô precisando de um personagem assim!

– Ótimo! Eu quero que você entenda que não é só um filme de ação. Tem muita filosofia nisso. Você já tá sabendo de toda a história, certo? Você é Stanley Spritz, um químico que nunca pegou numa arma, mas é o único que pode deter os terroristas porque você é um escolhido do destino. O que eu quero com isso é desmistificar a idéia do herói durão que é enviado por sua própria posição oficial. Eu quero colocar um nerd no lugar. Então você é um dos maiores gênios do mundo, mas que não se relaciona com as pessoas e é obssessivo compulsivo, reforçando essa idéia de desmistificar o herói. Você sabe que, no meio do filme, o general Bruce Connie, que deveria capturar você, acaba passando para o seu lado. O que nós temos aqui é uma discusão ética a respeito da CIA, que usa qualquer meio para alcançar seus objetivos. Então um alto oficial que, a despeito de sua posição, tenta enfrentar a CIA, acaba sendo visto como uma ameaça e enquadrado como inimigo do Estado.

Mais uma coisa importante que eu queria que você entendesse: tem uma cena no clímax em que você chuta uma arma que se enrosca numa corda, bate numa quina e atira nos ferros que te prendem. À primeira vista, pode parecer uma solução fácil demais, mas isso na verdade partiu de uma longa conversa entre mim e o roteirsta. Acontece que o destino quer te ajudar. Sua mente é o próprio destino! O destino nada mais é do que cálculos que o seu personagem faz inconscientemente em sua mente, ou seja, no fundo, o cientista sabe exatamente a direção da arma e a cadeia de reações geradas pelo seu movimento.

São basicamente essas coisas que você deve ter em mente para não apenas realizar as ações, mas saber o que o filme representa. Eu sei que ele tem um monte de clichês, como área 51 e coisas assim, mas eu penso que, quanto mais histórias repetidas eu conseguir juntar em uma única história, mais inovadora essa história será! Essa é minha filosofia!

Alguns dias depois, Nicolas recebeu o roteiro completo e a ordem de filmagem. A primeira cena a ser filmada já seria a cena final em que Stanley é condecorado e se prepara para receber o Nobel de química. No primeiro dia de gravação, Howard, agitado, falava com todos no set quase ao mesmo tempo.

– Nicolas, já está maquiado e vestido? Ótimo! Lembre-se do seguinte: você era um cientista tímido, covarde, mas que se superou e acabou de salvar os Estados Unidos, então agora você é O Cara. Eu resolvi começar por essa cena porque, além de ser tecnicamente mais fácil, eu quero que você já entre na alma do personagem que, no fundo, já é um herói desde o começo, ele apenas não sabe. Então nessa cena você está feliz e orgulhoso, pois você encontrou o herói em você mesmo.

Howard sai e começa a dar instruções ao fotógrafo. Nicolas se prepara para interpretar Stanley em seu melhor momento. Tudo no set está pronto, começam as filmagens. Stanley está em uma plataforma ao lado do presidente, interpretado por Morgan Freeman. O presidente diz algumas palavras, Stanley está ansioso, não presta muita atenção no que o presidente diz. Recebe um telefonema, dizem-lhe que falta só trinta minutos para a premiação do Nobel. Stanley corta o presidente, diz uma frase de efeito e sai para receber o Nobel.

Nicolas termina a cena satisfeitíssimo, orgulhoso, praticamente dentro do personagem. Até então, ele não havia percebido que seu filho estava lá assistindo a tudo. Kal-el corre até seu pai e o abraça. Tinham passado tempos difíceis separados e ultimamente ele não andava dando uma boa imagem pro filho, mas agora Kal-lel via seu pai como um herói. Nicolas, na verdade, sempre quis ser um herói. Era louco por quadrinhos desde a infância, não é à toa que escolheu seu nome artistico em homenagem a Luck Cage e que o nome de seu filho é o mesmo do Super-Homem.

Após o início das gravações, Nicolas, todos os dias, saía à rua esperando uma oportunidade de salvar alguém. Seu faro estava aguçado, estava se achando um herói de verdade. Seu filho, agora sim, mais do que nunca, estava vendo-o como herói e, a cada dia que Nicolas o levava para assistir as filmagens, as ações heróicas iam aumentando. Pai e filho estavam muito mais próximos agora.

Depois de uma filmagem, Nicolas saiu com Kal-el e sua ex-mulher, Alice. Ele iria comprar um presente para o filho, fazer uma surpresa, então pediu que Alice levasse o menino para dar uma volta e encontria com eles mais tarde.

Estava na prateleira de materiais esportivos quando começou um tumulto na loja. Nicolas ficou atento, observando o movimento, e logo entendeu que se tratava de um assalto. Não poderia ficar parado. Ele era um verdadeiro herói, deveria fazer alguma coisa!

Nicolas primeiro ligou para a polícia, então pegou um taco de basebol e foi andando abaixado pelos cantos do mercado até chegar por trás de um dos bandidos. Deu-lhe uma tacada, derrubou-o no chão e tentou pegar sua arma. Ele pensou que tudo se resolveria rapidamente: o bandido estaria inconsciente, ele pegaria a arma, atiraria no outro bandido e a policia chegaria logo. O bandido, no entanto, apenas caíra com o movimento da pancada, mas estava perfeitamente consciente e agarrou a perna de Nicolas enquanto este, atrapalhado, enroscava a mão na arma. Foi o tempo do outro bandido reagir e atirar em Nicolas, que caiu atônito. Não acreditava que aquilo tinha acontecido! Stanley Spritz era muito mais esperto que qualquer bandido! Stanley Spritz aguentava uma explosão a poucos metros de seu corpo e saía vivo. Nicolas lembrava agora que ele, Nicolas, era tão somente um mortal.

Sua mulher e filho já estavam indo ao seu encontro. Nicolas olhou para as prateleiras e para o povo atônito. Olhou para o caixa assustado e se lembrou de quando era criança, da surra que levava dos colegas, da mãe depressiva e de como chegou a fazer seus papéis depressivos. Lembrou-se também do primeiro casamento, como ele era grudento, de como não dava bola para o filho e percebeu que era tarde agora. Ele não era herói nenhum e iria morrer fazendo o que não era. Foi justamente quando seu filho apareceu, acompanhado de Alice, que seus olhos se fecharam.

Kal-el não entendeu ou não quis entender o que estava acontecendo. Seu pai era um herói de verdade, mas aquele sangue não podia ser de verdade. Seu pai era só um ator, afinal. Aquilo deveria ser uma encenação. Kal-el esperava que, a qualquer momento, alguém gritasse: corta!

Agora está perfeito, Stanley? (Shelley Duval)

Caroline Mariga

7am

-Alô?

-Histórias de fantasmas são otimistas, não acha?

-Er... O que você quer dizer? Quem tá falando?

-Aqui é Stanley Kubrick, de Londres.

-O Kubrick?

-Stanley. Como vai seu dia?

-Stanley, o dia nem começou aqui ainda, tô no meio da barba. Você me mata de susto ligando cedo assim, achei até que meu filho tava passando mal. Nem me recuperei da ressaca ainda e... Espera, não é madrugada aí na Europa? Por qual motivo me liga essas horas?

-Fantasmas. Eu acredito que essa vontade inconsciente de ouvir essas histórias tem a ver com sua promessa de imortalidade. Se eles existem, então nossas memórias podem vencer a morte. Não é otimista?

-Era só isso?

-Stephen, eu li O iluminado. Gostei do equilíbrio entre psicológico e sobrenatural. Você vê o Jack como um louco até estar tão dentro da história que aceita o sobrenatural como algo normal. Eu queria fazer uma historia de terror, até me chamaram para O Exorcista II, mas não vou continuar uma história já pertencente a um universo de outro diretor, se é que você me entende. Prefiro desenvolver o meu próprio projeto. Então estava pensando em uma adaptação do seu livro.

-Tá. Stanley, já que você está tão interessado assim, vou ligar para meu agente (em um horário decente, é claro) para marcarmos uma reunião e discutir melhor isso.

-Estarei aguardando.

-Stanley?

-Diga.

-Se você é tão otimista em relação a histórias de terror, qual é a sua visão sobre o inferno?

(Pausa)

-Eu não acredito em inferno.

Estúdio - dia.

(Sons da máquina de escrever)

Kubrick pegou o novo diálogo e caminhou até o camarim. Jack Nicholson conversava animado com alguns visitantes. Kubrick entregou o roteiro. Jack olhou por cima e jogou em um monte onde já estavam outras 13 versões.

-Jack, precisamos das falas para daqui meia hora.

-Quando parar de mudar tudo me avisa que eu decoro.

Voltou a conversar. Shelley Duvall olhava melancolicamente para os visitantes. Para Jack. Para os visitantes cumprimentando Jack. Para os

visitantes olhando para Jack. Kubrick entregou o roteiro para ela. Suas mãos seguraram os papeis, seus olhos não desviaram das pessoas.

__

Hora de Filmar.

Jack treinava as falas com a diretora de atores; ansioso, dava pulinhos como se estivesse preparando-se para uma corrida. Shelley estava deitada no chão sendo mimada por quatro assistentes de casting que lhe alcançavam cobertor, travesseiro e tratavam-na como uma criança doente.

-Shelley, está na hora. Vamos!

Kubrick caminhou em direção ao cenário. Ela não se moveu. Ele voltou.

-Vamos! O que você tem agora?

-O Jack é tão famoso. Todo mundo quer cumprimentá-lo... Às vezes estamos na mesma sala, daí eles chegam. Todos só querem falar com ele... (Engole seco). Isso às vezes me deixa com vergonha. Ele ganha atenção e... (fala baixinho) E eu gosto de atenção.

Kubrick sorriu, talvez esse seja o caminho para Shelley encontrar a personagem Wendy Torrance.

__

Quando a diária acabava, Kubrick passeava pelos corredores do estúdio hesitando em abandoná-lo, como se o Anjo Exterminador de Buñuel segurasse a fechadura. A ideia de sair era melancólica. Como se muita coisa ainda pudesse ser feita, mas o tempo para isso estava extinguindo-se.

-Stanley, estamos fechando.

Entrou no meu carro e foi em direção a Childwick Bury Manor, uma mansão do século XVIII onde morava com sua família. Eles jantaram; depois Kubrick trancou-se no escritório para resolver um diálogo problemático. Começou a rabiscar algumas alternativas. Mas... Ainda não. Falta. O que Jack pensa? Como ele pode aceitar tão naturalmente o garçom na Sala Dourada se ele sabe que estavam sozinhos no Hotel? Ele está acreditando nos fantasmas ou está se entregando à loucura? Ele está consciente ou aceita o estranho como em um sonho?

Se Jack aceita os fantasmas, Stephen King provavelmente...

3am

-Alô

-Aqui é Stanley Kubrick.

-Stanley, mas que mer...

-Você acredita em Deus?

-Er... Sim(?).

-Eu sabia.

Kubrick desliga.

__

Vivian Kubrick chegou junto com o pai no estúdio. A filha de 17 anos ganhara uma câmera de documentário e a inauguraria gravando material para o making off do filme. Só assim para Kubrick deixar-se ser fotografado.

-Jack! Jack! Terminei o diálogo.

-Mudou de novo?

-É esse.

-Se você diz...

Shelley Duvall fumava e olhava preocupada para algo em sua mão.

-Olha isso! Olha isso! Meu cabelo! Meu cabelo está caindo! Olha!

Kubrick pegou o único fio de cabelo que ela segurava

-Nossa, quanto cabelo. – disse mostrando o fio para a câmera quase rindo.

Shelley buscava novos fios caindo.

-Vamos lá Shelley, hora de filmar.

Shelley fez de conta que não ouviu e continuou passando a mão na cabeça.

-Shelley, você não deveria estar se preocupando com isso, vamos lá.

Kubrick foi chamar os outros atores. Vivian Kubrick se aproximou de Shelley com a câmera.

Shelley possui problemas emocionais e um ego frágil para críticas. Só conselhos não vão ajudá-la a entrar na personagem. Será preciso criar mecanismos reais como deixá-la desamparada, assim se sentirá fraca. Kubrick queria que Shelley continuasse instável, isso seria bom para o filme.

-Vivian, não se apegue a Shelley.

-Não se apegue a Shelley - Shelley repetiu com repugnância – Por que não?

-Isso não ajuda você.

-Ajuda sim.

As mãos de Shelley seguravam com força um lenço com que limpava seu nariz dos restos de cinzas do cigarro.

__

Havia mais de 50 pessoas para produzir esta cena. Os maquinistas manejavam grandes ventiladores, máquinas de neve e névoa nesta noite fria. O barulho das máquinas impedia a comunicação, que só era possível usando radinhos.

-Reduza a neve - disse o diretor. Cada nova ordem o primeiro assistente de direção repetia pelo radinho.

-Pode rodar.

-Rodar filme.

-Reduza a fumaça.

-Reduza fumaça.

-Está bom, pode ligar.

-Filme rodando, Shelley AÇÃO!

A máquina gigante transportada por uma enorme grua se moveu para a o cenário enquadrado despejando neve, névoa e vento.

-AÇÃO, SHELLEY! – Repetiu o primeiro assistente.

Os assistentes, maquinistas, diretor, diretor de fotografia se olharam.

-CORTA!

Kubrick abriu a porta de onde Shelley deveria sair. Encontrou-a segurando uma faca (que pertencia à cena).

-Você está atrapalhando toda equipe. Fique mais desesperada.

-Você não esperou nem dois segundos.

-Ah, faz favor, Shelley (tom cansado).

-Você nem disse pro filme começar a rodar.

-O que você quer dizer com rodar filme? Nós estamos nos matando ali fora! Você tem que estar pronta!

-Eu estava esperando aqui atrás da porta! – Ela disse segurando a faca em posição de ameaça - Ninguém ouviu nada! Primeiro você fala 'espera um minuto'...

-Olha. Quando você segura essa faca assim, você precisa parecer desesperada...

-... e logo depois grita 'AÇÃO'!

-... se você não buscar melhorar isto agora, você está perdendo o seu tempo.

(silêncio).

-Vamos começar de novo. Todos em seus lugares.

Tudo estava sendo filmado em ordem cronológica para os atores participarem da evolução de seus personagens. Todos os estúdios de Londres estavam ocupados com os cenários de O Iluminado. As filmagens estavam atrasadas, isso fez com que os projetos seguintes que alugariam os estúdios também fossem atrasados. Spielberg lembra disso.

Garrett Brown, o inventor do steadicam (equipamento que impede a imagem movimentar-se sem trepidar), trabalhava no filme; a data para ele começar a gravar Rocky II chegou, então passava uma semana nos EUA; pegava o avião no final de semana e vinha para a Europa. Enquanto ele estava longe, Kubrick tomou liberdade de utilizar sua invenção. A cena da escada, onde Wendy acerta Jack com um taco de baseball na cabeça, foi gravada apenas umas 40 tomadas com Garrett. As 80 restantes, que as pessoas não sabem de onde surgiu a lenda, Kubrick gravou. Leva um tempo até os atores absorverem os diálogos e as ações de seus personagens. Para o diretor, antes da 30ª tomada os atores não prestam atenção no que falam, apenas repetem o que decoraram sem se importar.

___

Childwick Bury Manor – sala de montagem – noite

Rolos e mais rolos de filme o cercavam. Todos de uma única cena só: a da escada. Ele procurava neles a melhor tomada, mas sempre era a mesma de antes. Entrou em desespero e começou a vasculhar nas outras latas. Só tinha aquela tomada. Shelley ficava forte. Ela crescia com um movimento de superação catártico. A personagem dela definitivamente não pode ser forte! Todas as suas atitudes corajosas são vindas do desespero! Quando acerta o taco na cabeça dele, Shelley não está mais desesperada, não está mais no mesmo estado de quando implorava para Jack parar. Isso destrói tudo!

O filme foi lançado. Esta cena esvaziava todo o significado, todo o trabalho. As pessoas nas salas levantavam e saiam de suas poltronas. Essa não foi a melhor forma de contar essa história. Kubrick falhou.

Despertador tocou.

Correu para o Estúdio.

___

-Jack, acho bom...

-Desde o começo?

-A cena da escada.

-Voltar para essa cena? Você está louco! Não estávamos filmando em ordem cronológica?

Kubrick vira-se para Shelley

-Shelley, a única parte... vem aqui Shelley.

-Já vou.

-Stanley – disse Jack – Por favor, diga o que você quer. Eu vou lá e faço. Não me importo mais com nada, MAS FALA A MERDA QUE VOCÊ QUER! Eu não sei mais o que fazer! Nunca nada está bom. O problema é você!

-Jack, várias partes suas estavam boas, muito boas mesmo. Só em alguns momentos você não soube sustentar o olhar com a mesma intensidade. O maior problema da cena continua sendo Shelley, então é bom tentarmos desde o começo de novo.

Jack se largou deitado no chão. Seus olhos estavam fixos no teto, sem piscar. Concentrado.

Shelley se aproximou.

-A única parte nitidamente errada é no final quando você acerta o taco na cabeça de Jack. Você fica forte nessa parte. Sua personagem não pode ser forte. Você tem que ser o máximo desesperada possível, implorar, sabe? E eu ainda acho que você não deveria pular cada vez que você se assusta, sério, fica falso.

-Mas eu tô nervosa, você sabe disso.

-Shelley, Shelley - disse Kubrick calmo - Eu já tô falando isso faz tempo. Toda vez que você se assusta, você pula – Kubrick fez um gesto imitando a atriz - e isso parece engraçado, não deveria parecer. – Continuou olhando sério para a atriz.

-Stanley – implorou Shelley - dá um tempo para essa cena. Já estamos gravando ela faz um mês. EU NÃO AGUENTO MAIS.

-Nessas horas que conseguimos dar o melhor de nós, quando estamos muito bravos, cansados. É nessas horas que nos superamos.

-Por que nunca está bom?

Shelley estava distante. Jack, ainda deitado, estourou uma gargalhada. Louca. Igual Torrance.

___

Fotografia é a área do cinema pela qual Kubrick mais se identifica. Hoje Garrett não viria. Kubrick operaria o steadicam.

Cenário da escada – dia

Estavam na 127ª tomada, sétima daquele dia. É incrível ver como os atores evoluíram.

-Corta! Mais uma.

Shelley estava subindo as escadarias. Jack, logo atrás. Seu olhar estava perfeito. Jack Torrance queria castigá-la, ele estava completamente concentrado. Essa seria a melhor tomada.

Começou a sair fumaça pelas janelas. Os atores não pararam. Talvez eles não tenham percebido. A fumaça começou a dominar a sala. Estavam no meio da escada. Os assistentes e técnicos que nos acompanhavam estavam completamente assustados. Chegou alguém da produção gritando.

-FOGOOOOOO!

—

As pessoas saíam tossindo do estúdio, cobrindo o rosto com algum tecido na tentativa de filtrar o ar.

O corpo de bombeiros chegou. A equipe estava lá fora, apreensiva. O pessoal da arte e figurino em choque. Todos os cenários de cenas ainda não filmadas teriam que ser construídos de novo. A diretora de arte estava deitada na calçada, olhando para nada acima, com uma expressão de derrota, pensando em algo muito distante que ninguém ousaria despertá-la.

Kubrick andava de um lado para outro acabando com todos os cigarros que encontrava nos bolsos. De dois em dois minutos perguntava:

-Como vão as coisas aí dentro? Algo ainda pode ser salvo?

Pediam para esperar. Mais caminhões do corpo de bombeiros chegaram. Os atores foram liberados para voltar a suas casas e esperar até nova ordem. Assim foi também para os profissionais das demais áreas, entretanto, muitos não conseguiram se mover de lá, agoniados para saber logo o que restou.

O chefe dos bombeiros saiu do estúdio com um pano limpando as cinzas do rosto.

-Bom, gostaríamos de informar que o fogo foi controlado, mas pedimos para que esperem nossa equipe terminar de checar o local. (baixo) Sr. Kubrick, há algo que você precisa ver. Acompanhe-me, por favor.

Kubrick o seguiu. Caminharam pelos corredores acinzentados, cortinas chamuscadas e teto desmanchando. Muitos cômodos ainda estavam inteiros. O bombeiro continuou andando decidido. Os corredores onde gravaram Danny com o triciclo estavam bem diferentes, o papel de parede todo enegrecido. Outros bombeiros que estavam por lá recolhiam mangueiras e analisavam a madeira procurando novas faíscas.

Chegaram ao cenário onde estavam até o alerta de incêndio. Tudo estava bem conservado, mas havia muita fumaça concentrada, principalmente em volta do teto. O chefe dos bombeiros apontou para cima em direção ao lustre central. Havia alguém lá. Kubrick franziu os olhos, mas a fumaça dificultava a visão. Aproximou-se, a figura começou a ganhar forma. Era um corpo magro, cabelos negros, lembrava a Olívia Palito. Seu corpo estava solto. Quase pairava no ar, a não ser pelos pedaços de negativos ligando o lustre a seu pescoço. Seus olhos, que terminaram abertos, conservavam o desespero puro. Kubrick petrificou-se lá observando

-NÃO! SHELLEY! – gritou alguma assistente de casting.

Várias pessoas haviam os seguido e agora observavam pasmos.

-FOI SUA CULPA QUE ELA FEZ ISSO! VOCÊ QUERIA TANTO AQUELA EXPRESSÃO, NÃO É? E AGORA, ESTÁ FELIZ?

Kubrick continuou em silêncio com os olhos caminhando entre Shelley enforcada e o chão, onde parecia refletir.

-NÃO VÊ QUE A SUA FORMA MEGALOMANÍACA EGOCÊNTRICA DE DIRIGIR ATORES OS DESTRÓI EMOCIONALMENTE? NÃO PERCEBE QUE ELES TÊM UMA VIDA FORA DO SEU FILME? VOCÊ SE IMPORTA TANTO COM O RESULTADO DESSA REPRESENTAÇÃOZINHA IDIOTA DE TERROR QUE ESQUECE QUE NA VIDA REAL AS PESSOAS SOFREM DE VERDADE. AS PESSOAS MORREM. A Shelley era minha amiga.

Uma outra assistente abraçou-a fazendo-a soltar a raiva e tristeza em forma de choro. Envergonhada pelo número de pessoas observando seus olhos inchados, ela saiu com as mãos cobrindo o rosto. Outras pessoas a acompanharam buscando apoiá-la.

Mais pessoas chegavam, todas pareciam congelar ao distinguir Shelley no meio da fumaça.

-Pedimos para que todos se retirem – começou o chefe dos bombeiros – o incidente precisa ser investigado, mas isso não cabe a nós. A polícia chegará em breve, então o salão não pode ser alterado para a análise profissional. Por favor, retirem-se. Estou repetindo: todos devem sair do estúdio. Entregaremos um relatório dos danos. Saiam agora do estúdio.

Os bombeiros começaram a conduzir as pessoas para a saída, pois muitos ainda estavam petrificados com o olhar desesperador de Shelley.

—

Noticiário de TV

Shelley Duvall foi encontrada enforcada em película fílmica amarrada em lustre após incêndio no estúdio do filme O Iluminado. Curiosamente, a película era de uma cena que Stanley Kubrick repetia pela 127ª vez.

Os parentes e amigos de Shelley contam que ela chegava abalada do estúdio pelas exigências do diretor, que a submetia a longos períodos de desespero para entrar em seu personagem.

(depoimento de assistente de casting)

-Kubrick não nos deixava consolá-la quando ela estava mal, ele sempre dizia que ela precisava disso para o personagem.

(depoimento de qualquer um na rua)

-É ele que fez Laranja Mecânica, né? Então acho que é completamente possível ele ter causado isso a Shelley. Eles deveriam proibir esse tipo de filme que aparece violência. Não faz bem, sabe?

Apesar desses depoimentos, o diretor ganhou um amplo apoio de seus amigos, parentes e outros atores com quem trabalhou.

(amigo)

O Stanley não é violento, Laranja não mostra violência como algo bom. Se fosse assim, deveriam proibir Tom e Jerry também.

(ator)

-Stanley foi o melhor diretor com quem já trabalhei. Ele nos conduzia a dar o melhor sempre. Ele era assim com todos os atores. Shelley provavelmente estava passando por outros problemas.

(Philip Kaplan – amigo e advogado do diretor)

-O Stanley não faria mal a ninguém. Uma vez nós marcamos uma reunião. Peguei meu avião nos EUA para Londres. Quando cheguei, recebi a notícia de que ele não poderia me atender porque passou a noite toda cuidando de um gato que estava morrendo, e não estava preparado para uma reunião.

O incêndio do estúdio foi causado pelo superaquecimento da iluminação de 700.000 watts que reproduzia a luz natural refletida na neve. Aparentemente, não há ligação com a morte de Shelley Duvall.

Fiquem agora com uma breve biografia da atriz:

Shelley Duvall, que interpretava o papel de Wendy Torrance em O iluminado, nasceu em 1949. Iniciou sua carreira trabalhando na televisão e em 1977 teve participação no filme Annie Hall de Woody Allen...

(...)

O Estúdio foi fechado por tempo indeterminado. Iniciaram a restauração dos cenários. Kubrick permaneceu trancado em sua mansão sem dar entrevistas. Passou esse tempo reconstruindo o roteiro, tirando cenas ainda não gravadas onde Shelley aparecia. O trabalho não foi difícil já que estavam quase no final das filmagens, só faltava algumas cenas com Danny. Sem falar que ficaria muito melhor se o filme terminasse com uma foto antiga de Jack enquanto toca Midnight, the Stars and You da orquestra de Ray Noble do que Wendy e Danny Torrance num hospital.

Telefone toca.

-Alô?

-Olá Sr. Kubrick, aqui é o chefe da polícia investigativa. Concluímos as investigações. O caso de Shelley Duvall não é suicídio.

-Sim, a Shelley era forte. Vocês têm alguma pista sobre o que causou aquilo?

-É sobre isso que eu gostaria de falar com você. Encontramos sais de prata nas mãos de Jack Nicholson. Ele contou tudo.

-O que ele disse?

-Que a culpa é sua.

-?

-Bom, depois contarei mais detalhes. Você deverá comparecer ao julgamento terça-feira, semana que vem.

Jantar em família – Childwick Bury Manor

-É verdade o que Jack disse hoje? – perguntou Vivian.

-Sim, mas Shelley deveria alcançar isso atuando sozinha. E não...

-Parem de falar desse julgamento! Já passou. – disse Christiane Kubrick, esposa de Kubrick.

-Como vão ficar as filmagens sem os dois atores principais?

-Isso eu posso resolver na montagem.

Escritório – Childwick Bury Manor – noite

Kubrick estava trancado, satisfeito. Havia terminado a montagem de seu filme. Todos os takes incessantes valeram a pena, ele conseguiu extrair o melhor de todos. Pena o que aconteceu com Shelley, mas com certeza ela continuará vivendo no filme.

Por fim, Kubrick colocou em seu projetor o take onde Shelley atingiu o ápice de sua atuação registrada para a eternidade. O desespero humano mais puro, os movimentos mais perfeitos, o respirar mais descontínuo, o medo dos músculos que tremiam sem mais poderem ser dominados. A libertação do faz de conta. A passagem pelo limiar onde o real pertence à ficção.

Tudo era igual até a cena da escada. Ao chegar no topo, começou a entrar fumaça na cena, o fogo no set se espalhava.

-FOGOOOOOO!

Gritou alguém da produção. Todos correram, menos Stanley e seus atores. Os atores nada perceberam de tão concentrados que estavam. No topo da escada, Shelley, fraca, não conseguiu atingir Jack com o taco de baseball. Suas mãos suavam. O golpe foi dado no ar e o taco voou para longe. Agora ela estava indefesa. Jack continuou passo a passo atrás dela. O desespero de seus olhos aumentava, ela correu, correu até chegar em um quarto onde guardávamos matérias de filmagem. Jack ria enlouquecidamente.

-Já decidiu aonde vai se esconder, é?

-SAI! SAI JACK!

-Oh está com medinho. Já pensou nas MINHAS RESPONSABILIDADES? JÁ PENSOU QUANTAS VEZES ESTAMOS REFAZENDO ISSO SÓ PELA SUA PÉSSIMA ATUAÇÃO?! Pois bem. Alguém precisa educar a querida Shelley!

Shelley esquivou-se para um canto da parede quando Jack tentou agarrá-la.

-Não tenha medo de mim Shelley. Eu só quero o melhor para você!

Shelley se afastava para o fundo do quarto.

-Vejamos o que temos aqui. Uhm. Negativos em que VOCÊ não soube atuar.

-PARA JACK!

Shelley não tinha mais forças. Todo esse vício foi perdido há muito tempo. Ela só conseguia implorar. Jack rompeu o lacre de um dos primeiros rolos desperdiçados na cena da escada. Abriu a lata e tirou o negativo que, ao entrar em contato com a luz, ficou escuro.

-Eles ficariam perfeitos como colares em você! Perfeitos em seu pescoço!

Shelley correu para o final do quarto onde havia uma escada, Jack correu atrás com o rolo de negativo. A escada dava para o teto do Studio.

A sensação de gravar algo proibido lembrava a época em que o garoto Kubrick batia fotos das pessoas no metrô com a câmera escondida em um saco de pão. O estado meditativo dos passageiros era capturado sem o fingimento do ser observado.

Tudo era escuro lá em cima. Shelley gritava, implorava, mas ninguém poderia ouvir. Ninguém mais estava no estúdio. Só havia fumaça. Shelley parou de gritar. Surgiu um foco de luz vinda do chão. O rosto de Jack era iluminado por baixo como a mais perfeita representação do Mal. Ele sorria. Na luz mostrou as mãos que seguravam pedaços de negativos. Começou a levantá-las lentamente. Logo, aquilo que se esperava da atuação no filme, começou a acontecer. Primeiro, seu cabelo escuro bagunçado, acompanhado pelo olhar mais desesperador que um cineasta poderia registrar em uma câmera.

Era Shelley. Seus olhos abertos brilhavam, mas não viam mais. Sua respiração agora descansava, apesar de nunca parecer ter desistido. Sua boca meio aberta escorria aquilo que seriam as ultimas gotas de saliva, agora manchadas de sangue. Jack sorria, estava satisfeito, pois nunca mais repetiriam aquela cena. Ele posicionou o corpo dela sentado no buraco do alçapão, apoiando-a em si para não cair. Com uma mão, enroscou o negativo que segurava no lustre. Empurrou o corpo dela, que seguiu em um movimento de libertação até a metade do caminho para com o chão.

Jack caminhou pelo escuro, desceu pelas escadas, passou pelo quarto, pelo corredor e desceu a grande escadaria. Kubrick, que segurava o steadicam, parou na beira da escada. Jack caminhou em direção à saída do estúdio. A câmera fez um tilt up revelando Shelley pendurada no lustre. Ela ficou lá balançando por uns instantes, até o imóvel e o silêncio associarem-se com sua morte.

Marilyn Monroe

Daniela Geisler

Pela última vez ela despe-se. Bem devagar, abre os botões frontais de sua blusa branca, um a um, com um cuidado especial, como se atentasse para não machucá-los, e mais um, e outro, e o último. Agora aberta, a blusa desliza por seu ombro, costas e chão. No banheiro de um hotel em Los Angeles há um grande espelho onde ela olha-se. Uma lágrima escorre de seus olhos, seus belos olhos azuis, alcançando os lábios e morrendo.

Há um suspiro. Um momento de descanso e reflexão antes de continuar. Parte para a saia rodada, bem ajustada na cintura alta, e, sozinha ali, com a saia já não pertencente ao seu corpo, ela deixa de lado a postura e permite o cair de seus ombros cansados. Não há ninguém para julgá-la, nem mesmo desejá-la. Olha-se nua no espelho, cada parte desejada por milhões de homens em todo o mundo, e ela sabe, ama e odeia isso ao mesmo tempo. Por causa de seu corpo esculpido, sensual, quente e ingênuo, perdeu seus três maridos. Percebe que, embora tenha todos, não possui nenhum.

Por algum tempo permanece ali, parada, engolida por si mesma. Então caminha em direção à banheira já cheia d'água. Primeiro, o pé esquerdo, vagarosamente, como alguém que teme a água fria ou a água quente, ou talvez tema a morte. É a vez do pé direito e, enfim, o resto do seu corpo branco e nu. Ela afunda-se na banheira por inteiro e lá permanece. Depois, como petróleo bruto que jorra da terra, ressurge da água e, como se fosse seu primeiro instante de vida, respira fundo, desesperadamente. Prepara-se tomando seu banho como uma amante antes de uma noite especial. Quando sai do banho, não se enxuga, espera que seu corpo seque naturalmente. Ela não está ali, está em uma viagem dentro de sua própria mente. Desperta, apanha o roupão branco que está ao alcance de suas mãos, veste-o e sai.

Liga a TV do hotel e é ela a notícia. Desliga. Senta-se em frente à penteadeira e, com os cabelos ainda molhados, penteia-os, prende-os, mecha a mecha em bobs que valorizam seus cabelos sensualmente loiros. Recorda quando ainda tinha as madeixas escuras. Eram tempos difíceis, mas será que não eram mais felizes? Tinham que ser. Ela não consegue lembrar-se. Passa as mãos pelas maquiagens que estavam sobre a penteadeira, para no batom. Lentamente abre-o e, concentrada em sua imagem no espelho, ela desliza devagar a cor viva por seus lábios. Pinta seus olhos e todo o resto do rosto com muita destreza. A face, antes sem cor e triste, agora ganha vida. Não reconhece sua imagem refletida, mas segue em frente. Depois dos cachos prontos, levanta-se e dirige-se até a mala jogada no canto do quarto. Coloca-a sobre a cama, abre-a, e retira todas as peças, estendendo-as metodicamente: blusas primeiro, saias e vestidos depois e, por último, um casaco de pele. Em pé, em frente à cama, cruza os braços. Observa, faz caretas, caretas de alguém que pensa que pele de lebre não combina com cetim. Tira o roupão e joga-o num canto livre da cama. Parece decidida. Pelo menos quanto ao que vestir. A blusa é preta com decote canoa, meia manga. Escolhe uma saia cintura alta, justa, que termina pouco acima dos joelhos, de uma cor clara, bege talvez, não importa. Veste uma meia fina e sapatos de salto alto, pretos. Escolhe então suas melhores joias e admira-as enquanto coloca-as. Marilyn é beleza em pessoa, para todo o mundo.

Em sua cabeça, surge a pergunta sobre a imortalidade da beleza. Seria imortal a "sua" beleza? Não se ela envelhecesse. Repõe as roupas na mala, delicadamente dobra-as e guarda-as, uma a uma, deixa apenas o casaco estirado sobre a cama – não quer bagunça alguma – ao fim retira do bolso de fora da mala um frasco e coloca-o sobre o criado mudo, ao lado do telefone. Guarda sua mala no mesmo canto esquerdo de onde a tirou antes e senta-se na cama. Está só. Liga para a recepção do hotel e pede um drinque, há algo pessoal a comemorar. A espera do drinque parece infinita. Vai até a janela em busca de distração e enfim alguém bate na porta. Com o drinque em mãos, senta-se na beira da cama, perto do telefone, espera, não há mais ansiedade. Está só. Pior que isso, sente-se só. Olha o telefone ainda com alguma esperança. Aguarda e encara o telefone. Espera que alguém a salve do pecado. Tira o telefone do gancho verificando se há linha. Há linha. Larga o copo ao lado do telefone, levanta, veste o casaco de pele, tropeça em algo, sua bolsa, pega-a do chão, examina seu interior, retira um cigarro, um isqueiro, devolve a bolsa ao chão. Senta-se novamente na cama, acende o cigarro e olha para o drinque ainda não tocado. Ela parece distante. O fim do cigarro parece fazê-la despertar desse transe. Vai até o banheiro, joga o que sobrou do cigarro no lixo, olha-se no espelho e vê a perfeição da maquiagem. Volta para a cama, senta-se, pega o frasco e despeja os comprimidos em sua mão esquerda, com a direita alcança o copo. Sorri um riso irônico, quase malvado. Aproveita cada minuto. Então coloca os comprimidos na boca e bebe o seu drinque, engolindo com certa dificuldade. Bebe até o último gole. Deita na cama e ajeita-se de maneira confortável. Fecha os olhos e respira fundo, sabe que não tem mais volta. Talvez em algum momento ela tenha sentido culpa por matar a beleza – será que a perdoariam? - mas certamente esse remorso foi breve. Ainda sorri. Abrem-se e fecham-se os olhos pela última vez, e apagam-se as luzes de neon.

O triste fim de Graça

Andressa Braun

Finalmente via o caminho para a realização de seu sonho aproximar-se. “Mi falaram dix você, goxtei do seu perfil. Se goxtar daxs condiçõexs, podi começar amanhã. Àxss 9, aqui. Beijinho, beijinho.” Era ela, não tinha dúvida. “Sem dizer quem era, malandrinha... e com beijinho, beijinho. Sim, era ela. Mas por que ela ligaria? Por que o interesse? Será que é ela quem cuida dos estagiários e da galera que trabalha lá diretamente? E o que seria esse cargo de auxiliar adjunto para montagens *flash-up* do núcleo infanto-juvenil de produções g.?” Foram tantas as perguntas na cabeça de Mateus que, de repente, surgiram as respostas. Respostas a planos feitos, refeitos e desfeitos. Ele lembrou-se de como tudo começou, aos seis anos. Afinal, pesquisadores confirmam, nossas recordações passam a existir a partir dessa idade.

1986, começava o *Xou da Xuxa* na TV. Gostava do lance de fazer a idade coincidindo com a dezena do ano em que estávamos. Em 2000, 20 anos. Em 1986, façam as contas, 1ª série. Ela chegava todos os dias com sua nave rosa, botas até os joelhos, cantava *quem quer pão, quem quer pão, quem quer pão, que tá quentinho*... e comia o danoninho comigo em semana de compra do mês em casa. Depois dançava com o Praga. *E todos dançam, pega, estica e puxa, e viva a festa da Xuxa*. E as tarefas, sentado no chão, sobre a almofada, apoiando os cadernos na mesa de centro da sala, em frente à televisão e à tamanha diversão, tornavam-se um suplício. Com Ela aprendi a linguagem dos sinais, a importância de comer frutas, de sonhar e sofrer. Tudo ia bem e até as tarefas eram feitas, afinal, não queria decepcionar minha rainha. A confusão começou quando, aos 10 anos, disse à mamãe que não cortaria o cabelo, não dessa vez. E assim passei meses. Até que pude, finalmente, fazer uma 'xuquinha'. Mamãe usou de muita pedagogia: - meu filho, tira já isso da cabeça, antes que tu mates teu pai de desgosto.

Ele tirou. Mas no caminho à escola, resolveu recompor o *look* e ser vanguarda entre os seguidores da rainha.

Mateus matou a aula de *Antropologia reconstruída por fragmentos* para separar sua 'beca' mais *cool*, mais 'baixinho crescidinho', para encontrar a nova conhecida chefa. A disciplina do curso de Ciências Sociais interessava menos a Mateus que a parte do figurino das produções experimentais da 'facul' de Cinema - que fazia de manhã. Até receber a ligação da rainha, Mateus havia passado por um processo de seleção para o qual preparava-se, ainda que inconscientemente, por toda sua vida. Durante as entrevistas, nunca tinha visto ou ouvido, nem ao longe, a rainha. Maria da Graça Xuxa Meneguel, diziam, andava muito ocupada com a aprovação da lei que tira dos pais ou responsáveis o direito de educar seu filho como considere adequado. Bem, há quem diga que inibe a violência doméstica. Eu acredito que, se alguém nasce pra tomar porrada, vai levar, e esse negócio de mandar dentro da minha casa, não dá. Mas bem, a loira devia saber suas prioridades. Eu tinha a minha, há anos, e agora por fim, estava mais perto de conquistá-la.

O menino, com então 10 anos, foi achincalhado pelos colegas até quase completar 12. “Xuquinhas, Xuxa, baixinhos? Do que esse cara tá falando? Meninas passam piolhos e meninos ficam longe delas”, diziam. E relegado ao clube das piolhentas, Mateus passou dois importantes anos. Colecionava papel de carta, pulava elástico e chegava para a aula, à tarde, já no final do período da manhã, só pra ensinar às meninas as novas coreografias do *Xou da Xuxa* (que era transmitido de manhã) na saída da escola. “Que demais aquelas polainas rosas por cima daquela calça fusô branca meio metálica”, comentavam.

Ao conquistar a maioridade da infância, aos 12, deixou as meninas um pouco de lado porque voltou a ter o respeito e a amizade dos colegas, importando, agora, a eles toda a admiração de Mateus pela rainha. A explicação para a mudança de comportamento veio de Paulo, um colega da 7ª, que lhe apresentou sua Xuxa.

- Você viu? Olha só, é do meu tio, ele tem guardada há 10 anos e disse que eu já era bem grandinho para vê-la.

Mateus puxou a descarga, sacudiu as 'xucas', pegou a revista das mãos dele, suspirou, folheou a playboy da amiga do Dengue e disse:

- É DEMAIS MESMO! Quero ser como ela!

A rápida mudança veio sucedida de olhares temerários, brincadeiras incompreendidas e rejeição. Mateus voltou a procurar as meninas e, com elas, encontrou a companhia que necessitava para viver sua admiração pela rainha.

- Você viu que ela vai estrear um programa no domingo?

- É, é, e também já canta em espanhol.

- Ai meu deus, a voz dela não sei, mas *Lua de Cristal* é minha fonte de energia e inspiração.

- *Tudo pode ser, se quiser será, sonho sempre vem pra quem sonhar, tudo pode ser, só basta acreditar*. - Ai, não é DEMAIS?, delirava Mateus.

As garotas escutavam-no, mas desconfiavam que sua presença afastava os garotos e, a essa altura, elas queriam mais era beijar na boca. Mateus, ao contrário, só tinha cabeça para Ela, e se refugiou nos vinis da infância, na revista comprada a preço de ouro em um sebo da rua XV, nos VHS gravados dos programas que ele eventualmente perdia pela manhã, e nos *Bobeou dançou* dos domingos, que antecediam os fatídicos churrascos de família.

Aos 20 anos, enfim, ele conquistou a libertação da incompreensão dos pais, legítimos descendentes de alemães. Vendeu a Caloi Ceci, o pogobol e o primeiro gradiente, e foi viver na capital do *show business* brasileiro, no Rio, “e daqui, rumo ao estrelato”, pensava. Já estava na boca do leão. Mas o plano traçado inconscientemente durante toda a vida só se concretizaria com o desaparecimento de Xuxa, afinal, 'rainha dos baixinhos crescidinhos' não há duas! Assim, cuidadosamente sua formação, aproximação, moldou interesses e 'se jogou' em qualquer oportunidade que o pudesse levar para perto Dela. Mas essa primeira oportunidade demorou.

Mateus construiu uma carreira de alguns altos e muiiiiiiiitos baixos. Com a grana que juntou, pagou a passagem ao Rio. Na primeira semana em uma pensão no centro, deu voltas, acompanhou a mesma programação televisiva dos últimos 15 anos de sua vida, comeu, e acabou. - E agora? Buscou trabalho: atendente, revisor, operador de telemarketing, ajudante de obra, padeiro e nada. Não inspirava confiança, imaginou. Os cinco reais que lhe restavam investiu em uma cerveja bem forte, daquelas que sua rainha jamais beberia. Naquele bar, como por passe de mágica, a vida, como em *Lua de Cristal,* lhe ofereceu a oportunidade de viver um romance, estilo Xuxa aos 18. Um tipo negro, forte, barba bem aparada, sem cabelos para lavar, lhe apresentou o mundo, como Pelé à rainha.

Jaderlson era bom e cuidou de Mateus nas semanas seguintes, quando ele não tinha nem para o pouso. Dava-lhe boa comida, boa cachaça, fazia-lhe a

cama e admirava sua beleza, a suavidade de sua pele alva. A boa 'arma' do companheiro também fazia verdadeiras reviravoltas na cabeça de Jade. Era preciso ganhar dinheiro com a 'xuxinha'. Assim, dia após dia, levava Mateus a um ponto turístico diferente, era gentil com os visitantes e oferecia sua casa e a companhia de Mateus a um custo módico e hospitaleiro. Mateus entendia que era o modo de ganhar a vida então, e tentava divertir-se, mas às vezes sentia-se muito invadido. Roubava um dinheiro e desaparecia. Depois voltava e toma mais exploração e desculpas a Jaderlson. Assim, passaram anos. Muito raramente fodia alguma gringa gorda e *folladora* interessada em tipos mais sensíveis.

Finalmente em 2008, quando Sasha cumpriu 10 anos, Mateus inscreveu-se na universidade, duas logo de uma vez, dessas fáceis de entrar e cheias de 'maricões' - Ciências Sociais e Cinema. - Cinema é perfeito! Lá conheceu seu 'Ayrton Senna', com quem teve uma relação que passou voando como o campeão. Serviu-lhe para conseguir um estágio de iluminador e levar uma boa grana da que o Jaderlson lhe devia. - Que descanse em paz. Era hora de conhecer seu 'Zafir', - culto, elegante, bons genes, o pai para meus filhos, pensava.

Tadeu, o seu Zafir, também estudava Cinema e quando criança fez o teste para ser o garoto do filme *Amor, Estranho, Amor*. Só de longe havia visto a rainha, mas do buraco da fechadura do quarto de seus pais, a viu pedir, com forte sotaque gaúcho: - Chupa meus peitos, chupa, vem! A cena jamais saiu de sua cabeça e as consequências da possível atuação que não foi, também. Por sorte, ele não foi selecionado. Mas era preciso vingar, de alguma forma, todos esses garotos iludidos com a Xuxa de *Lua de Cristal*. Mateus encontrou em Tadeu a companhia que buscava para levar a cabo seu plano, feito, desfeito e refeito. - Tadeu, você acha que 'xuquinha' já era? Ou rola pra transmitir confiança no primeiro dia?

Cinco de maio de 2010. Mateus chega à Xuxa Produções às 8h50. Na portaria lhe dizem que o expediente só começa às nove. Como um raio, Ela passa por ele. A porteira diz para pegar o elevador à esquerda, sala Arco-Íris, 2º andar. Uma senhora com um copo de café de plástico e uma caixa de *donuts* lhe explica o trabalho. Ser auxiliar adjunto para montagens *flash-up* do próximo filme da Xuxa. - Você fala espanhol, né? Ah... sabe como é, se figurante não coopera e tal, vocês botam ordem, essas coisas. Amanhã às 9h saímos daqui para o aeroporto. A pequena Sasha também vai. Passe por recursos humanos, leve seu passaporte. Serão apenas oito dias, em Barcelona. Não leve muita bagagem.

A parte mais difícil começava. - O que levar? É primavera na 'Zoropa'. Chapinha e secador como objetos de tortura? Estão aqui todos os vinis, o reprodutor que comprei com a grana do Jaderlson e o cianuro da fábrica de plásticos do amigo do Tadeu, devidamente encapsulado junto às minhas drágeas de ginseng.

Mateuxa, como ficou carinhosamente conhecido pela galera estranha que viajava com a rainha, conseguiu a simpatia Dela em pouco tempo. Apesar da resistência aos efeitos do álcool, seu companheiro, Mateus 'mais pra lá', chamou a atenção de Xuxa já no primeiro jantar da equipe na capital da Catalunya. A inesperada surpresa foi resultado da mescla de vinho, queijo e *Dança da Xuxa*, com direito a coreografia e fotografia com a rainha, que se juntou à dança. O dj acompanhou a súbita animação e tirou o pó do disco, embora ainda soasse com uns arranhões, mas que a tocou desde o primeiro momento: *Inventei uma dança nova que vai fazer arrepiar, quem quiser tirar a prova, basta saber rebolar*. A pequena Sasha voltou ao hotel pra atualizar suas redes sociais. Xuxa, a mulher do donuts e Mateus continuavam ali. Motorista e seguranças esperavam do lado de fora do local.

A mulher do donuts já tinha abandonado o vinho e entornava jarras de sangria como suco de uva. Eu sorria e contava à rainha sobre as manhãs em frente à TV na infância, os danoninhos, as 'xucas' e minhas habilidades para o canto e dança. A rainha tinha um olhar perdido, molhado, cabelos curtos e arrepiados, marcas riscadas na cara. Acompanhávamos Tere, a do donuts, na sangria. O dj cada vez se mostrava mais aberto e desejoso de ver sua também rainha animada. Rolou *Abecedário da Xuxa*, *Brincar de Índio*, *She-Ra* até que ele, por fim, *rompió el hielo* e veio *saludar* a veterana dos baixinhos. (Tadeu providenciou as passagens no meu primeiro dia de trabalho. O restaurante, sugeri à produção da equipe. Lá trabalhava um colega de Tadeu, da época em que ele fugiu para Barcelona. Facilitou bastante as coisas.)

- *Buenas noches, preciosa*, disse em voz sexy ao ouvido da rainha. - *Es un honor tenerla aquí. Por su tan distinta presencia, le ofrezco este complexo vitamínico y su gran éxito, "Lua de Cristal"! Tudo pode ser, se quiser será, sonhos sempre vem pra quem sonhar. Tudo pode ser, só basta acreditar, tudo que tiver que ser será*. A loira agradeceu a preocupação, despediu-se de Tere, que disse um breve 'to indo', e seguiu ensimesmada com a canção, segurando a drágea vitamínica na mão, dividindo olhares entre Mateuxa e *José, el dj*.

Desconhecidos fãs de uma época que não voltará, de ascender, brilhar e não apagar, refletia Mateus.

- E você, veio tentar a sorte no Rio então?

- Não, a sorte me abandonou há tempo, mas agora vejo a luz, é a sua, minha rainha!

- Deixe de bobagem, meu filho. Quem sabe a gente não aproveita que não tem ninguém aqui e fuma uma 'dessaxx errrva' que tem por aí.

- Ah... minha rainha, não sei. Fortaleci meu espírito ouvindo *Lua de Cristal* e meu corpo, com drágeas como esta, de ginseng. - Quem sabe a senhora não se sente melhor?, arriscou Mateus.

- Senhora? E empurra de um golão a cápsula de cianuro. - Você me chamou de senhora? Olha aqui, seu fedelho metido, muita punheta 'devexx' ter batido pensando em mim!

A rainha perdeu a realeza e largou, com dificuldade, tudo o que tinha calado desde que se tornou por fim, e 'piegasmente', mãe da Sasha.

- Som dj! pediu a 'nossa' xuxa. Maria da Graça, sentada na mesa, ao lado de Mateus, de frente para Tadeu, cabeça apoiada, tremia, virava os olhos, balbuciava palavras em carioquês e babava, sim, a rainha babava! Esteve assim por alguns minutos. Parou. O som da cabeça contra a mesa de madeira anunciou a entrada da estrofe: *Vamos com você, nós somos invencíveis, pode crer, todos somos um, e juntos não existe mal nenhum,* e, conforme combinado, Mateus e Tadeu engoliram cada um, de um só golpe, sua cápsula de vitamínico, e ali se apagaram, junto a sua maior estrela.

Goodbye to the King

Tamara Cleveland Fortes de Mello

A lua brilhava alto. Era dia primeiro de outubro. A cidade de Bangu, no Maine, reinava em paz. Em canto algum um crime acontecia. Até mesmo as forças sobrenaturais pareciam estar de folga. Uma brisa gélida transpassava pelas ruas e casarões. Entre as mansões, uma casa negra perturbava. A casa em si não era negra, pelo contrário, era branca com pilares de mármore. Negra era sua atmosfera, os pensamentos conturbados do dono.

Stephen esfregou os olhos tentando mantê-los abertos, correu a mão pela têmpora sentindo a testa banhada de suor. Sentou na cama lentamente, olhando para ver se tinha acordado sua mulher. Tabitha, no entanto, dormia profundamente, não demonstrava o menor sinal de ter percebido que seu marido acabara de acordar de um pesadelo. Stephen parecia surpreso, há muito tempo pesadelos não o perturbavam. Na verdade, praticamente nada o perturbava. Lembrou com um sorriso irônico das vezes que fora perguntado por que gostava de escrever sobre coisas tão brutas. Gostava de responder que tinha um coração de menino, guardado num vidro em cima da escrivaninha.

Tabitha ressonou chamando sua atenção, ele a contemplou com carinho. Como gostaria que Tabitha também tivesse feito parte da sua infância, talvez, e só talvez, tudo teria sido mais fácil com o seu apoio. Stephen fora abandonado pelo pai, um marinheiro mercante que, após conflitos e brigas com sua mãe, Nellie Ruth Pillsbury, saiu um dia para comprar cigarros e nunca mais voltou. Nesta época Stephen tinha apenas dois anos. Hoje, com o passar dos anos, sabia que para Donald King ele não dava à mínima, podia dizer que a vida inteira sentiu falta de ter um pai, mas não do seu pai, era assim que gostava de pensar. Se perder o pai não foi fácil, os flashes de lembrança de seu amigo sendo atropelado por um trem eram ainda piores. Algumas coisas realmente não se podem evitar, pensou ressabiado, decidindo levantar, afinal, era inútil ficar rolando na cama sabendo que não dormiria de novo.

Caminhou até o escritório. Em vez de sentar em sua mesa, escolheu a poltrona em frente à janela. Sentia que o pesadelo estava sendo provocado pelo estresse de não estar conseguindo concluir o livro. Ainda estava sobre os holofotes, colhendo os lucros da ultima publicação. Poderia ter calma, já passou o tempo em que publicava três livros por ano, além de contos. Porém, queria publicá-lo antes do fim do ano para coincidir com as vendas de natal. Stephen não era hipócrita, gostava de ganhar dinheiro, ainda mais escrevendo.

Fora ainda adolescente que achara na casa de sua tia Emrine uma caixa cheia de revistas velhas de horror e ficção-científica, nascendo assim sua paixão pelo gênero. Desde então soube sobre o que gostaria de escrever. Chegou a vender aos amigos no colégio, durante algum tempo, contos que escrevia por trinta centavos, até que um dia seus professores obrigaram-no a parar. Conhecendo sua vocação foi questão de tempo até entrar na Universidade do Maine, em Orono, onde se formou Bacharel em Ciências e Letras. Quase de imediato, após a formatura, foi chamado à inspeção militar e considerado inapto, sendo os motivos invocados "elevada tensão arterial, visão limitada, pés chatos e tímpanos perfurados". Sua "visão limitada" hoje tinha se tornado uma doença irreversível. Por mais que buscasse aceitar a ideia, não conseguia processar o fato de estar ficando cego, era difícil demais.

Voltou sua atenção para seu escritório, tentando concentrar-se em algo. Ao reparar no aposento tão bem mobilhado, abençoou o dia em que Tabitha pegou no lixo do trailer em que viviam o rascunho do livro Carrie. Ela acreditou na história quando ele mesmo já havia desistido. Graças a esse ato, terminou e publicou seu primeiro livro. Depois disto, pôde parar de dar aulas e se dedicar apenas a escrever. Devia muito à esposa, amava-a e adorava-a intensamente. Quando Stephen entregou-se ao álcool e todos estavam apenas à espera de um milagre, fora Tabitha que o apoiou e o ajudou mais uma vez.

Pensar no tempo que perdera de passar com Joe, Owen e Naomi, seus filhos tão queridos, lhe dava vergonha. Essas lembranças lhe trouxeram um gosto amargo à boca, dez anos estando bêbado quase todos os dias não se comparam aos meses árduos de abstinência. Olhou o relógio, três e vinte e oito da manhã. Por que agora?, indagou em voz alta. Por que sonhar que havia bebido novamente e, sem controle, dera um tiro na própria boca, mas não antes de matar Tabitha? Definitivamente não era um sonho que queria lembrar. A imagem dela, no entanto, vestida de jeans e bata branca, que ela usava no dia em que a conhecera na biblioteca da faculdade enquanto os dois trabalhavam, não parava de vir a sua mente. Sentindo-se sufocado, foi até a janela, abrindo-a com um estrondo. Precisava terminar o livro, depois poderia até se aposentar caso quisesse. Mesmo com as inúmeras ideias que lhe vinham à cabeça, talvez uma continuação de "O Iluminado", outro drama passado em uma prisão, como "À espera de um milagre" ou "Um sonho de liberdade", eram tantas as possibilidades! Tinha inúmeros rascunhos pré-escritos, talvez surgissem coisas boas dali. Bom, talvez essa aposentadoria não durasse muito, concluiu Stephen com um sorriso, sentindo-se melhor.

No dia seguinte toda a família iria passar o fim de semana na casa de campo para comemorar seu aniversário atrasado, que fora dia 21 de Setembro. Estava ansioso pela ocasião. Seus filhos, os netos e amigos mais íntimos estariam lá, realmente só faltava sua mãe, que morreu de câncer em 73. Até seu irmão adotivo, Donald, estaria lá. Nunca se esquecera da infância, quando moraram em Indiana, Connecticut e em algumas cidades do Maine. As dificuldades financeiras eram tantas que só sobreviveram porque os três se apoiaram muito. Em relação a sua família, Stephen não tinha reclamações, sempre puderam confiar uns nos outros. Sim, realmente estava ansioso pelo encontro familiar. Porém, escrever com tanta gente não seria fácil e isso o incomodava. Talvez... Correu os olhos pelo relógio da sala, quatro e dez da manhã. Desceu rapidamente até a cozinha e preparou um café bem forte com um lanche rápido. Queria sair com o nascer do sol. Tomou banho e terminou de arrumar a mala que Tabitha havia começado. Pronto, escreveu um bilhete: "Preciso de tempo para terminar o livro, estou indo para o campo antes. Vejo você e o pessoal amanhã. Não esqueça o bolo, mas pode esquecer as velas. Seu King". Sorriu com o trocadilho do seu nome, ela o adorava. Colocou o bilhete do seu lado da cama e com os dedos tocou o talismã pendurado no pescoço da esposa. Dera para ela no último aniversário de casamento.

O dia começara a esquentar. Stephen aproveitava a estrada vazia ao som

de Nigthwish. Era incansável identificar as referências que a banda fazia em algumas músicas com os livros da séria a “Torre Negra”. Mas alguns metros e passou uma placa indicando o caminho para Portland. Adorava o lugar. Ali ele nascera em 1947. Mais do que gostar, amava o Maine. Achou graça quando seu filho Joe, em seu primeiro livro, fez menção de tantos estados quando ele mesmo nunca o fazia. Com exceção do livro “O Iluminado”, todos os outros tinham histórias passadas no Maine. Uma onda de carinho transpassou seu corpo ao recordar da dedicatória de Joe: “Ao meu pai, um dos bons”. Já dedicara muitos livros a seus familiares e dessa vez queria fazer graça, iria dedicar a Richard Bachman, seu pseudônimo. Estava na hora de Richard voltar, surgido em 1977 com a sua primeira publicação, “A Fúria”, havia sido sua sombra por oito anos. Chegou mesmo a publicar um livro, após já ter sido descoberto, com este pseudônimo. Não tinha razões para ter feito isso, nem ao menos para tê-lo criado, mas foi algo interessante, como um refúgio, um segredo delicioso.

O cd tinha terminado. Stephen se inclinou para trocar, colocando um de seus favoritos de jazz. Ao voltar sua atenção para a estrada, vislumbrou um cemitério. O pensamento voou e, sem poder conter um certo escárnio, sussurrou: “cemitério maldito”. Mais tarde acharia estranha sua reação, afinal cemitério era apenas a última morada do corpo humano na evolução da vida.

Algumas horas depois de uma mensagem carinhosa de Tabitha e uma ligação de seu editor, Stephen chegou à sua belíssima propriedade de campo, que tinha vários metros quadrados, contendo um enorme sobrado do final do século XIX, um lago, um celeiro, uma horta, várias árvores frutíferas, etc. Possuía ainda uma ótima casa afastada da principal, que Stephen pediu para construir há uns 10 anos para o caseiro e sua mulher morarem. Dirigiu direto para lá. Logo avistou o caseiro, um homem gentil, já na casa dos 50 anos. Era franzino e calvo desde os 30 anos. Stephen estranhou vê-lo cochilando na varanda, pois sempre fora um homem muito ativo, sempre com algo a fazer. Vendo-o se aproximar, o caseiro despertou exaltado. O barulho do carro o acordou. Sua mulher, uma charmosa senhora do Canadá na faixa dos 40 anos, estava prostrada ao seu lado. Juntos foram ao encontro de Stephen que descia do carro.

- Oh, senhor King, não estávamos esperando ninguém até amanhã. – disse a mulher ajeitando os cabelos.

- Bom, eu precisava terminar um livro, vocês me conhecem. – respondeu dando uma piscadinha. Os dois homens se cumprimentaram.

- Mais um ótimo projeto, tenho certeza – brandiu o Caseiro entre tossidas – Se soubesse que vinha hoje, teria ligado para o jardineiro. A grama tomou toda a entrada da casa.

- Mas por que o jardineiro já não resolveu isso? – indagou pouco interessado.

- É que o senhor... – começou respondendo a mulher acanhadamente limpando as mãos na saia - o moço Bruno foi preso por... por produzir drogas com plantas. Achamos melhor contar para o senhor pessoalmente - Conclui sem jeito.

Stephen sentiu seu estômago repuxar, aí estava algo!

- Senhor – desculpou-se o caseiro - eu mesmo teria cuidado do jardim e da grama se não tivesse ficado doente...

- Lamentável, ele era um bom rapaz- cortou Stephen, ajeitando o óculo meticulosamente – Enfim não tem problema, percebo que você realmente não está bem. Vocês estão dispensados, podem ir visitar sua filha em Ohio, eu cuido do resto.

- Oh senhor King, não podemos...

- Podem e devem. Ligarei hoje para o jardineiro - disse, sem permitir ressalvas.

- Muito obrigada – alegrou-se a mulher - já fiz as compras ontem, comida não falta na dispensa e as camas estão com lençóis limpos...

- Tenho certeza que está tudo ótimo- disse entrando no carro.

- Outra coisa, senhor, não se esqueça de ligar hoje, pois amanhã tudo fecha ao meio dia, cidadezinha é assim. Peça para trazerem um carrinho de cortar grama novo porque o que está no celeiro está muito velho, não pode mais ser usado...

- Não se preocupem – respondeu dando partida no carro, dirigindo-se a casa principal.

Estimulado pela história do jardineiro, Stephen escreveu por horas compulsivamente, já com a última frase na cabeça. Obrigou-se a parar para atender a ligação da sua filha, a querida primogênita. Também parou para ir algumas vezes ao banheiro, sua bexiga não era mais como antigamente. Já eram quase seis horas da noite quando resolveu esquentar uma lasanha no forno micro-ondas. Comeu na sala, lentamente, deliciando-se ao por do sol. Apreciava a escuridão inundar cada canto, o barulho dos bichos lá fora aumentando, até o cheiro do ar ficava mais fresco. Amava a noite. Para ele, a noite sempre tivera mais vida. Um trovão o despertou de seus devaneios, sentiu o vento balançar as árvores prenunciando o início uma tempestade. Que a chuva caísse, pensou alegremente e, como tantas vezes antes, foi escrever o último capítulo de um livro.

Stephen terminou depois que a tempestade tornou-se apenas uma garoa fina. Esgotado, mas realmente sentindo-se realizado, estirou-se na cama e dormiu instantaneamente. Desta vez, um sono sem sonhos. Não ouviu o estrondo quando a força acabou. Na verdade, não queria escutar nada mesmo, estava satisfeito. Despertou dolorido às dez horas da manhã, não ficou surpreso de ter acabado a energia, mas imaginou que naquela hora era impossível a energia não ter retornado. Mas não voltara. Tomou café, fez um tour pela casa. Ficou um tempo na biblioteca, gostou de constatar que a mulher do caseiro mantinha aquele espaço extremante limpo, sem pó nos livros, como um santuário. Quando finalmente a luz voltou, pôde ligar o computador e revisar mais uma vez o último capítulo do livro. Realmente ficara bem satisfatório, talvez o público feminino reclamasse um pouco. Já se acostumara há muitos anos com as críticas. Sorriu sentindo o cheiro de umidade no ar. Resolveu ir à

varanda e, surpreso, levou a mão à testa involuntariamente. Havia esquecido totalmente de chamar o jardineiro. A grama, por sua vez, estava alta demais, mal dava para perceber o caminho de pedra. Tabitha ficaria louca por pisar em tanto barro. Meio dia e quinze marcava o relógio de pulso, sua família chegaria dali a algumas horas. Tentou ligar para a loja de jardinagem, no entanto ninguém atendeu. Com certeza a loja devia estar fechada. O mal das cidadezinhas pequenas, disse para si.

Sentindo-se revigorado, decidiu fazer a tarefa. Foi até o celeiro. Depois de procurar por um tempo, encontrou o carrinho de cortar grama. Estava largado em um canto, realmente seu estado era péssimo, iria dar um jeito de providenciar outro o mais rápido possível. Com um pouco de dificuldade levou a maquina até a frente da casa. Não encontrando tomada, ligou diretamente na caixa de força.

Stephen King nesse momento ignorou todos os conceitos de segurança. Executava um trabalho sem usar as devidas proteções de botas e luvas. Feliz, começou a cortar a grama molhada. Com dificuldade a velha máquina foi se arrastando pelo chão com seus cabos emendados e a proteção de borracha gasta. Não houve nenhum aviso, nada distinguia esse momento, o tempo não parara quando uma parte do cabo descascado encostou-se à poça de água e resultou em uma descarga elétrica de 220 volts. O choque que transpassou o corpo do escritor deixou suas mãos grudadas no cabo do carrinho. Seu coração acelerou pela última vez. Os grunhidos se seguiram a um grito de dor alucinante. Mais tarde as pessoas diriam que o caseiro teria escutado o incidente se ele não tivesse ido visitar a filha e talvez, só talvez, tivesse conseguido desligar da tomada.

Stephen Edwin King já estava morto há muito tempo quando seu corpo retorcido caiu ao chão. Seus olhos estavam revirados, de suas mãos e cabelo emanava um odor fétido de carne queimada, suas calças estavam empapadas de urina e de sua boca escorria um filete de baba.

Stephen nunca temeu a morte e pôde senti-la por todo seu ser. Muito tempo levaria para ele ser encontrado estirado na grama, numa tarde ensolarada de outono.